GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

OSTRACISMO

CINZAS

Pinheiro — Vocês estão vendo?... «Tudo nos zune»

MAXIXE EM TRES LINGUAS
Ó MINHA CANNINHA VERDE
SEU NASTAÇO CHEGOU DI VIAGE...
APRÈS LA PANSE VIENT LA DANSE

UM CASO RARO

Sob o titulo acima, encontramos n'uma revista hespanhola o interessante caso que segue:

«Demonstra-se, de modo palpavel, no caso que vamos referir, como póde ser extenso o periodo de tempo occupado pela existencia de dois irmãos.

Um sujeito muitissimo velho foi chamado a prestar declarações n'um pleito sobre uma herança contestada.

Era necessario estabelecer com precisão o facto da existencia ou não existencia de outros herdeiros, alem do idoso declarante, a quem o juiz dirigiu o seguinte interrogatorio:

— O sr. teve alguns irmãos ou irmãs?

— Nunca tive irmãs; tive apenas um irmão.

— Que ainda vive?

— Não, senhor; que já morreu.

— Quando morreu?

— Ha de haver, — deixe-me V. Ex. recordar, — ha de haver, pouco mais ou menos, cento e cincoenta annos.

— Espere; com certeza o sr. não comprehendeu a minha pergunta. O que eu lhe perguntei foi quando morreu seu irmão.

— Percebi perfeitamente; e o que eu respondi a V. Ex. foi que elle morreu, aproximadamente, ha cento e cincoenta annos.

Aqui o juiz formalizou-se, vendo um proposito de máu divertimento no declarante, e advertiu-o:

— Se o sr. insiste, no que eu classifico uma falta de consideração para com o tribunal, e si se não limita a responder precisamente ao que lhe pergunto, para exclarecimento dos factos, tenho a preveni-lo de que mandarei autoar.

— Eu estou dizendo a verdade completa a V. Ex. e ao tribunal, protestou o declarante; e se V. Ex. me permitte que explique o facto que alleguei, V. Ex. cederá á evidencia d'elle.

— Pois explique.

— Meu pae casou aos dezesete annos. Um anno depois, sua esposa deu á luz um menino, de cujo parto veio a fallecer. Tres mezes depois morreu tambem a creança. Meu pae conservou-se viuvo até aos setenta e dois annos; mas com essa idade casou com uma mocinha por quem se apaixonou e de quem eu nasci um anno depois. Hoje conto noventa e cinco annos...

O juiz e o tribunal estavam boquiabertos ante a evidencia».

FRANQUEZA

Uma visita, para encher o tempo, criva de perguntas um menino de 9 annos, filho do dono da casa, que entrou na sala.

— Pois, sim senhor; está um homem forte e bonito!

— ...

— E' capaz de responder a uma pergunta que vou fazer?

— Sou.

— Já tem namorada?

— Não.

— Em que pensa então nas horas de recreio?

— Penso no tamanho da licção.

— E quando chega ao Collegio, em que pensa.

— Penso na hora do recreio.

O homem que não foi desde o berço protegido por uma fada do tédio por tudo quanto existe, nunca chegará a descobrir cousas novas.

WAGNER

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO . . . 15$000 | SEMESTRE . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . 300 Rs. — ESTADOS . . . . 400 Rs

END. TELEG. KÓSMOS — TELEPHONE N. 5341

N. 348 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 20 — FEVEREIRO — 1915 — ANNO VIII

CINZAS...

Minha Querida. — Sei que soffres (depois do Carnaval sempre nos affligem o tedio e... outros incommodos) e, por isso, venho trazer-te as expressões do meu consolo. Não examines a phrase: após tres dias (tres dias? não: um mez...) de bohemia radiante, como estas daqui, em tempos de entrudo, não ha estylo que resista... aos excessos. A cabeça dos bardos fica igual á carteira de, pelo menos, quinhentos mil cariocas, com uma differença: as carteiras são insensiveis, ao passo que as cabeças... dóem. Emfim, eis-me junto de ti (em pensamento, porque escrevo da cama), para com o meu amor provar á tua linda e ingrata pessoinha a verdade da minha philosophia. Ah! se me tivesses ouvido! Não quizeste attender-me e, por isso, ahi estás amuada, após aquella triste e irritante despedida na madrugada de quarta-feira, após... tudo o que houve. Excedemo-nos, e foi ás primeiras horas da manhã de cinzas que comprehendi em toda a sua extensão e profundeza a verdade dos versiculos salomonicos:

«Filho meu, não te esqueças da minha lei, e o teu coração guarde os meus mandamentos; não estejas entre os beberrões de vinho, nem entre os comilões de carne; não olhes para o... champagne quando resplandece no copo e se escoa suavemente, porque no seu fim morderá como a cobra: põe uma faca á tua garganta, se és homem de grande appettite; e se achaste mel, prova o que te baste para que porventura não te fartes delle, e o venhas a vomitar...» Grande homem, Salomão! que psychologo... para os males do carnaval! Assististe ao conflicto que, á sahida do club, travei com desconhecidos de mascara por motivo da tua graça de gitana esvelta. Ainda guardo a tumida lembrança daquelles soccos. Pois o unico commentario possivel é este, do Sabio: *«O açoite para o cavallo, o freio para o jumento, e a vara para as costas do tolo.»* Lá está nos *Proverbios*, cuja meditação, em consciencia t'o digo, me serve mais nesta hora que todo o Murger. *«Vê que o thesouro não dura para sempre; evita os fiadores de dividas...»* Ai de mim! que profundas verdades! Este mez é o das tuas contas de modista. Temos, além disso, o automovel, tres dias de aluguel, e a nota das flôres. Ceús! até as flôres entraram no regimen capitalista! Decerto, hoje, não lerei uma linha siquer do meu caro Musset, do nosso Musset, do Musset cuja leitura te ensinei a beijos. Sou todo Biblia e, assim como me consolo, quero, segundo acima escrevi, consolar a minha amada, *«serva amorosa»*, *«gazela graciosa»*, *«cujos peitos me saciarão em todo tempo»*, etc., conforme rezam as escripturas. Lê e edifica-te, meu doce Amôr: *«Exalçam-se as filhas de Sião* (isto, adorada, é de um homem chamado Isaias) *exalçam-se e andam com o pescoço emproado, fazendo aceno com os olhos* (SIC) *e quando marcham, andam como dançando e cascavelando com os pés; e, portanto, o Senhor fará calva a mioleira das filhas de Sião.»* Não te arrepeles, meu anjo e medita, além desse, o seguinte pedacinho de ouro, do

mesmo austero sujeito: *«E o Senhor tirará o enfeite das ligas, as redezinhas, as luetas, e s pendentes, as manilhas, os vestidos resplandecentes, os diademas, os adornos dos braços, os cendaes, as bocetas cheirosas, as arrecadas, os anneis, os mantos, as coifas, os alfinetes, os espelhos, as capinhas, as toucas e os véus e todas as joias. E os perfumes passarão, e ellas terão por cinto uma corda e em logar da encrespadura de cabellos, o couro á mostra...»*

Ah! o reino de Deus! Como era economico! E ahi não se fala de chapeus, como os que uzas, nem de mimosos, de leves, de finos, de amaveis sapatinhos quaes os teus, comprados com sangue ali na Avenida. Com sangue, bemzinho, porque explica um dos illuminados de Israel: *«O espremer do leite produz manteiga e o espremer do nariz produz sangue.»* Ora, através dos tempos (sei-o, mal a meu grado, por uma dolorosa iniciação nestas materias) *nariz* e *bolsa* ficaram sendo synonymos. Adeus, Querida; beijo-te os olhos e as mãos.

Teu

RODOLPHO

P. S. — E's como um cacho de Chypre nas vinhas de Engedi; és, como a rosa de Saron; és, entre espinhos, como o lyrio dos valles... De mim direi, sem orgulho, que sou como o filho do veado que salta nos montes ou como o corço arisco e veloce que foge... Outros beijos.

VALE

O melhor sermão

Um admirador do vigario de Sant'Anna convidou um amigo, literato, para ir ouvir um sermão daquelle pregador. Era uma festa onomastica da padroeira e o padre desenvolveu todos os recursos que encontrou na sua eloquencia sagrada, para commover o auditorio. O literato não achou que o sermão correspondesse á sua espectativa. Não querendo porem desagradar ao amigo, quando este perguntou a sua opinião, respondeu:

— Achei o sermão bom. Mas...

— Mas o que?

— O que elle fez o anno passado foi melhor.

— Melhor como, se o anno passado elle não fez nesta festa nenhum sermão?

— E' exactamente por isso.

X.

Folk-lore

Já vi chorar uma pedra,
Pelo teu pé arredada,
Por tu passares por ella
E ella não ser pisada.

O CARNAVAL

Baile no Club dos Democraticos

Baile no Club dos Tenentes

Baile no Club dos Fenianos

RETICENCIAS...

Narram as revistas da guerra que em acampamento de alliados, na Belgica, alguns soldados resolveram commemorar o dia de anno bom plantando sobre ruinas uma arvore que lhes symbolisasse a alliança.

Eil-a aqui, na pagina de honra do *Graphico*, a tocante scena: proscenio hyemal, céo plumbeo, terras frigidas, mortas, devastadas, e na desolação do campo, através da nevoa do dia triste, duas hirsutas figuras de luctadores inclinados para o solo afofado, á espera da semente sagrada. Outros, á distancia, contemplam enlevados a ceremonia singela, mas commovente; e, emquanto, mudos, os canhões repousam e repousam ensarilhadas lanças e baionetas, a alma prisioneira dos homens acaricia os escombros, confundindo-se docemente com a alma errante das cousas.

Hontem, a lucta feroz, a lucta feroz amanhã; nem treguas, nem piedade nos choques ferozes... Mas, aquelle momento é de paz, de esperança, de sonho: regada a lagrimas e sangue, fertilisada de soffrimentos, maternal e augusta, recebeu a terra no seio fecundo um generoso ideal. Da semente que lhe confiaram brotará o futuro. Arvore bemdita! Reconciliadas as nações, será á sua sombra que se abrigará a justiça e que o amor cantará nos corações. Seiva de luz ha de ter, que é luz o que se desprende do heroismo e do martyrio. Ha de ser um symbolo. E não morrerá e não conhecerá o embate de tormentas e repellirá os raios e ostentará em cada ramo a belleza dos ninhos e das colmeias e á sua fronde pousarão aguias e terá circumdado de abelhas de ouro o tronco de ouro...

Soldados poetas, aquelles!

— A morte não existe, o odio passa — quizeram dizer. — A arvore que plantamos é a nossa casa destruida, o nosso lar apagado, a nossa patria sujeita ao ferro e ao fogo, a humanidade que tentam agrilhoar... Mas tudo resurgirá nos seus galhos illuminados e floridos e tudo, glorias e affectos, ventura e liberdade, reviverá na sua força e na sua pompa. Vae alimentar-se de reminiscencias, de saudades, de aspirações, de espiritualisadas desaffrontas; e, por isso, a vida em torno della voltará a ser bôa, até ser divina...

Foi essa a oração dos soldados, esse o hymno que cantaram no fôro interior, esse, o verbo do seu imponente silencio ante as ruinas tristonhas da Belgica esmagada.

Que a grande arvore cresça, frondeje e floresça...

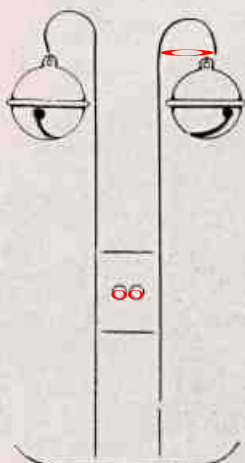
GUYS

ECHOS DO CARNAVAL

Blóco da Imprensa Opposicionista

Saúdo a imprensa fecunda
A imprensa nobre e viril
Que de luz e saber inunda
O nosso amado Brasil!

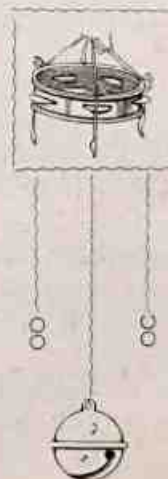
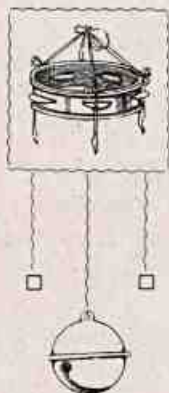
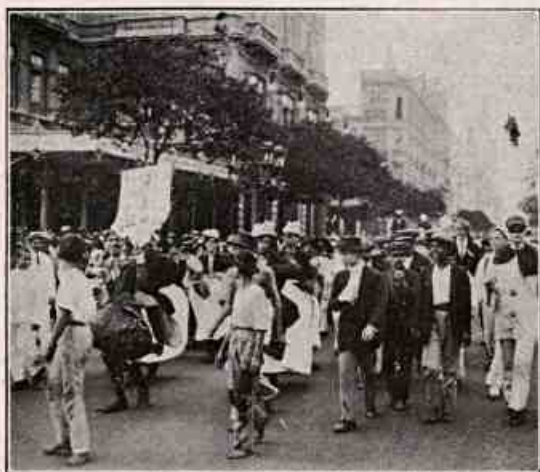
Saúdo a imprensa gloriosa
Que fulge mais que mil sóes,
Que transmitte de Ruy Barbosa
A forte e vibrante voz!

Batendo-se em toda a linha
Pela honra nacional
Nessa phalange se aninha
O brilhante «Imparcial» !

Esmagando a força bruta
Da tyrannia vilã
Triumpha na rude luta
O «Correio da Manhã» !

E da «Epoca» a bravura
Saúdo com todo o ardor,
Na imprensa livre fulgura
Seu nome de alto valor !

«Noite», «Rua» e «Careta»
Tres baluartes viris
Hão de attingir a meta
De um futuro aureo e feliz.

E, assim na nossa festa,
Fala o nosso coração :
Salve ! imprensa, livre e honesta,
A imprensa de opposição !

O CARNAVAL

Baile no Club de São Christovão

O carnaval na Avenida

As apostas do padre Vitalino

E' cheia de episodios pittorescos e curiosos a vida sacerdotal do padre Pietro Vitalino, italiano de origem, que acaba de ser suspenso de ordens, depois de ter esgotado a admiravel paciencia evangelica do sr. Bispo do Tepico, em Minas.

Nomeado vigario do districto do Brumadinho, o padre Vitalino começou a desempenhar com relativo zelo as suas funcções spirituaes, não podendo, porém, occultar, a seus parochianos, o extranho vicio que o dominava e o consumia interiormente — a mania da aposta!

Note-se que o vigario de Brumadinho não era um jogador, no sentido commum da palavra; detestava mesmo as cartas do baralho, cujos naipes até desconhecia. A sua paixão era outra. Pela manhã, ao acabar a missa, si algum assistente dizia, por exemplo, olhando o céo: «Está um calor de rachar. Teremos chuva lá pela tarde», o padre immediatamente retorquia: «Aposto dez mil réis como não choverá. Valeu?» Outras vezes si alguem commentava: «D. Lucinda já está muito pezada; com certeza terá o successo antes do Natal», o vigario acudia sem demora: «Arrisco vinte mil réis como ella ainda passa do dia de Reis. Quem acceita?» Diziam que o padre Vitalino apostava até no confissionario com as beatas, como ellas na proxima vez levariam os mesmos peccados. O mais interessante é que o vigario de Brumadinho quasi sempre ganhava as apostas.

Certa occasião chegou áquelle districto uma turma de seis padres da Congregação da Missão, em campanha espiritual ordenada pelo sr. Bispo, hospedando-se todos em casa do vigario, que habitava uma vasta e confortavel chacara. No dia seguinte começaram as «santas missões», com assistencia de toda a população do Brumadinho e dos lugares visinhos. Na tribuna collocada á porta da egreja subia um missionario cada tarde e fallava tres longas horas sobre o «horror do peccado» e o «fogo do inferno». Entre os assistentes (principalmente as mulheres) havia gritos, soluços e, ás vezes ataques. Todas as manhãs havia innumeras confissões e communhões; citavam-se conversões «milagrosas» de «maçons» e de casaes que «viviam no peccado.» E os missionarios só tinham motivos de estar contentes com os edificantes fructos da missão.

A' noite, na sala de jantar do padre Pietro Vitalino, após o chá, os sacerdotes reunidos palestravam sobre o poder magico da eloquencia sagrada para tocar as almas e fazer nellas penetrar a graça.

— Olha que fazer derramar lagrimas de arrependimento a homens endurecidos no peccado, disse um missionario, não é empreza facil, como á primeira vista parece.

— Pois eu, acudiu o padre Vitalino, dominado já pela nevrose do vicio, sou capaz de proferir um sermão tão extraordinario, que metade dos espectadores desate em prantos, e outra metade comece a rir ás gargalhadas.

Espanto geral dos missionarios: não era possivel! Como faria o collega para obter tal resultado? Qual! Era uma brincadeira!

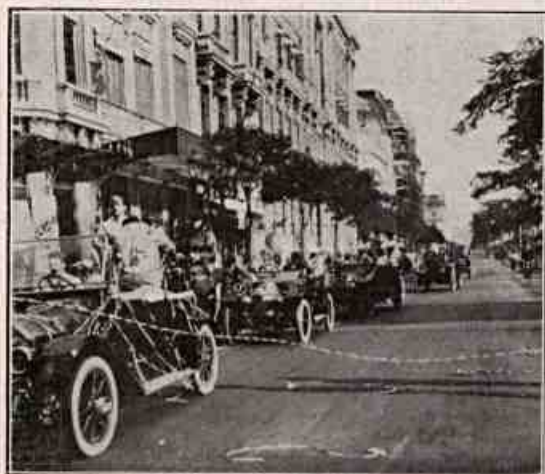
— Pois estou fallando sério, disse o vigario já exaltado. E aposto cincoenta mil réis contra cada um dos senhores, como farei tal sermão!

Por «curiosidade» os seis missionarios acceitaram a aposta. No dia seguinte, o padre Vitalino começou o seu sermão de uma maneira realmente admiravel.

Rememorou toda a cruciante paixão de Christo, a prisão no horto das oliveiras, o julgamento, a flagellação, as injurias soffridas, a subida ao Calvario, a atroz crucifixão, etc. Mas o orador envolveu estes lugares communs em tal abundancia de commentarios e lances patheticos que a multidão, apezar de ter ouvido dezenas de vezes esse drama religioso, rompeu num choro ruidoso.

Quando a commoção publica tinha attingido ao auge, o padre Vitalino, num movimento brusco, levantou a batina atraz. E logo á sua retaguarda esfusiaram estridentes gargalhadas, emquanto os espectadores da frente continuavam a berrar, num pranto copioso. O orador estava sem calças...

E foi assim que o vigario de Brumadinho ganhou muito honestamente trezentos mil réis de seus hospedes. O motivo por que elle foi suspenso de ordem, dil-o-hemos posteriormente.

OCTAVIO MOURET

O carnaval na Avenida

Recebemos a seguinte carta que reproduzimos:

«Srs. da *Careta*

Creia que as nossas relações de amizade estão muito apertadas. Assim como Napoleão ao ser vencido entregou-se á Inglaterra dizendo que se queria entregar ao seu maior inimigo, eu apello para a gentileza do jornal que mais combateu o meu injustamente chamado infeliz governo. Apello para a *Careta* para protestar contra o que o meu humilde nome soffreu nos tres dias ruidosos do Carnaval.

Acabo de saber que andaram ahi pelas ruas nos dias de folguedos carnavalescos uns pelintroides atrevidos que se diziam Dudú. Vestiam como eu visto a paizana, tinham na cara uma mascara que de alguma maneira se parecia commigo, o meu nariz, a minha verruguinha e dizem até que, ao falar conservavam o sutaque especial de pronunciar as palavras com os dentes cerrados. Fui informado de que esses individuos, por se apresentaram em publico servindo-se do meu nome, de minha cara e de minha maneira de ser, conseguiram alcançar um successo ruidoso, despertando no publico as mais vivas e francas manifestações de gargalhadas. Era natural que assim fosse. Não vejam vituperio nas minhas palavras, mas a verdade, mesmo quando traz dentro de si uma imodestia, deve ser dita: o publico gosta de mim, basta pronunciar-se o meu nome para que elle rebente nas mais fortes das gargalhadas do goso.

Mas, sr. redactor da *Careta*, o facto de terem alcançado successo os individuos que fingiram de mim se de alguma maneira me desvanece, nem por isso tira o valor deste protesto. E' bem possivel que algum desses individuos que fizeram de Dudú representasse a minha figura tão admiravelmente que alguem ficasse a suppor que de facto era eu quem ali estava.

E' sobre isso que quero protestar.

Eu, srs. da *Careta*, não desci á cidade. Fiquei em Petropolis, gozando a coisa que Nosso Senhor poz no mundo para a gente gosar. Lá que não tive desejos de descer para brincar, tive. E se não desci foi porque a Rainha-Mãe, minha illustre sogra, achou que era mais doce gosar a temperatura e a distincção desta adoravel cidade serrana a ir metter-me no forno e no plebeismo da Avenida Central.

Não gosto de enfeitar-me com pennas de pavão. Não fui e não quero estar participando dos successos alheios.

Dizem os jornaes que os taes individuos que fizeram de Dudú foram de uma felicidade fulgurante. E' possivel. Não duvido.

Os jornaes accrescentam que os taes sugeitos disseram muitas tolices de fazer rir as bandeiras despregadas e que, por isso mesmo mais se pareciam com o Dudú. Creio.

Mas, sr. redactor, é neste ponto a que eu quero chegar. E' possivel que elles tenham dito muita e muita tolice, mas que por isso mais se pareciam commigo é que não.

Protesto. Protesto porque por mais tolices que elles tenham dito nunca e nunca em dias de sua vida conseguiriam parecer-se commigo. Porque as minhas tolices, senhores, são minhas, somente minhas. Ninguem as imita. Sem imodestia — eu, sou eu.

Do criado

Dudú».

Eu vou dar a despedida
Como deu o Uladisláu.
Fugiu da noite p'ro dia
Para não entrar no páo.

ECHOS DO CARNAVAL

A musa vadia em acção

Transcrevemos em seguida algumas copias e quadrinhas que foram cantadas por diversos carnavalescos nos tres dias dedicados a Momo.

O Dudú "conquerant"

(Musica de «Maria Caxuxa»)

— Maria Caxuxa,
Com quem dormes tu ?
— Eu durmo sosinha,
Pensando em Dudú...

O Dudú generoso

(Musica do «Vem cá, Bitú»)

Vem cá, Dudú,
Vem cá, Dudú,
Vem cá, meu camarada !
— Não vou lá, não vou lá, não vou lá,
Pode a urucubaca te pegar !

Ora, o Dudú!

No céo Deus aos santos perguntava:
"Que tem Dudú, que chora noite e dia?"
E na verdade o velho emmagrecia,
E a cada hora mais se definhava.

Devia ser o pezar que o apoquentava
Desses que fazem perder toda a alegria,
Pois de todos no céu elle fugia
E triste pelos cantos se occultava.

Pinheiro, grande amigo dedicado,
Ao vêl-o um dia assim apoquentado,
Perguntou-lhe: "Que é isto? O "spleen" te ataca?"

E Dudú lhe respondeu com voz chorosa:
"Eu gosto de uma dança bem dengosa
E... no ceu não se póde cortar jaca!"

ECHOS DO CARNAVAL

O azarento

O Dudú é azarento
Cabuloso e perigoso,
E' um cabra mui dengoso,
Um sujeito mandingueiro,
Por ahi andam dizendo
Que si rico elle ficou,
Foi arte de feiticeiro
Foi mandinga que arranjou.

O Dudú é azarento
Tem caveira de jumento.

O Dudú enviuvou
E quiz logo se casar
Para isso um passeio
Ahi por fóra elle foi dar,

Mas a damnada urucubaca
Em seu corpo se entranhou
De tal modo, que o Dudú
Nunca mais que socegou.

O Dudú enviuvou
E urucubacado ficou.

O Dudú é azarento
Mas tambem é folgazão,
Dansa bem o corta-jaca
Aprecia o violão;
E si não fosse a urucubaca
Ainda hoje daria sorte
Pois tem sêbo nas canellas
E gordura no cangote.

O Dudú vestiu casaca
P'ra dansar o corta-jaca.

(Estes versos são cantados com a musica da Cabocla de Caxangá.)

A IDADE DO CAVALLO

Conhece-se a historia daquelle bacharel emproado e do caipira. O bacharel passeava no seu cavallo marchador e chegou a uma porteira. As porteiras do interior são pesadas e grandes e só quando a montaria é mansa e o cavalleiro pratico é que as pode abrir. O bacharel embaraçado ia descer do cavallo, mas nesse momento se aproximava um caipira.

— O' coisa, abra essa porteira!

Ante a insolencia da ordem, o caipira encarou o moço e perguntou-lhe:

— Quem é o senhor?

— Eu sou doutor.

— E que vem a ser doutor?

— E' um homem que sabe tudo.

— Pois se sabe tudo deve saber tambem abrir porteira; respondeu o caipira e foi-se embora.

Essa historia é conhecida. Mas ha outra do mesmo bacharel (imagino que deve ser do mesmo) e que é pouco sabida.

Esse bacharel disse ao feitor da fazenda que ia comprar outro cavallo.

— Mas não vá *seu* doutor tomar um logro.

— Logro como?

— Por exemplo, comprar um cavallo velho.

— Qual!

— Bem! Isso eu não digo porque é muito facil conhecer a idade de um cavallo pelos dentes. Basta olhar os dentes. Mas pode ser um animal manhoso, por isso *seu* doutor não faça negocio senão com gente seria.

— O Manuel do Rincão é sério?

— Ah, esse é sim senhor; é um homem serio.

— Pois é um cavallo delle que eu vou negociar.

O bacharel ficou satisfeito de apprender que se conhece a idade dos cavallos pelos dentes, e nem quiz pedir mais minuciosas explicações para não revelar a sua ignorancia. E partiu para a casa do Manuel do Rincão, á cuja porta estava amarrado um bonito cavallo queimado roliço e lustroso.

— Então, *seu* Manuel, ainda quer negociar o cavallo.

— Sim senhor, *seu* doutor.

— Quanto quer por elle?

— Duzentos mil réis.

— E que idade tem elle?

— Tres annos e meio, por ahi assim. Ainda não fez quatro annos.

— O Sr. garante essa idade, *seu* Manuel?

— Garanto, sim senhor.

— Bem. Então deixe-me ver.

O bacharel pegou no queixo do animal, abriu-lhe a bocca, examinou, e voltando se para o dono disse:

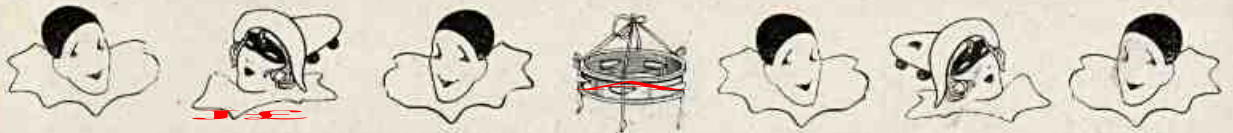
— Então o Sr. pensa que eu sou tolo?

O homem ficou intrigado.

— O Sr. pensa que por eu ser doutor, e ter passado a vida na cidade, não sei conhecer a idade de um cavallo.

— Pois *seu* doutor acha que este cavallo tem mais de quatro annos?

— Sim senhor! Tem trinta e dois annos. Eu lhe contei os dentes.

X.

O RISO

(Leonidas Andreieff)

Ás seis e meia da tarde eu estava doidamente alegre — certo de que ella viria. Meu sobretudo fechado na gola unicamente atufava-se com o sopro da brisa, mas eu não sentia frio; a cabeça orgulhosamente levantada, meu gorro de estudante atirado para traz, meu olhar revestia-se de uma expressão de piedade compassiva cruzando-se com os dos homens que passavam, ao passo que para as mulheres era carícioso e provocante... E entretanto eu amava-a havia apenas quatro dias, mas o meu amor era tão absorvente! Era moço, meu coração transbordava de ternura; não podia pois ser insensivel aquellas que m'a recordavam. E meus passos mais e mais se tornaram leves e rapidos; sentia-me cheio de audacia.

Dous botões fechavam já o meu sobretudo ás sete horas menos um quarto. Andando, já não olhava para as mulheres que passavam.

Nenhuma provocação, caricia alguma podiam ser lidas nos meus olhares.

Todas, mas todas, excepto aquella que eu esperava, podiam ir para o diabo. Meus passos, á proporção que eu encarava os transeuntes, tornavam-se cada vez mais pesados, mais hesitantes.

Ás sete menos cinco tive um accesso subito de calor. O frio voltou mais intenso ás sete menos dous minutos...

Quando bateram as sete horas, fiquei certo de que ella não viria.

Ás oito e meia eu esperava sempre.

O sobretudo abotoado de alto a baixo, a golla juntando-se em cima com o gorro, o nariz violaceo, eu continuava a andar tiritando...

Algumas mechas do cabello escapas de sob o gorro, meus bigodes e sobrancelhas estavam brancos como a neve que sobre elles se accumulava. Meus dentes batiam intermittentemente e meus passos, insensivelmente tornavam-se lentos. Andava com o dorso curvado, semelhante a um desses velhos que saem do hospital a passeio, á tarde.

E era ella, *ella*, a causa de tudo isso!

— Raio do diabo!

Mas não, não convem... Talvez não a tivessem deixado sahir. Talvez tivesse ficado doente. Morta talvez! Morta! E eu... eu... que blasphemia!

* * *

— Evguenia Nicolaievna lá estará — disse-me sem intenção segunda um camarada de estudos em um grupo de amigos a que eu me reunira um momento mais tarde.

— Ah! Sim?

E cheio de uma colera surda resmunguei outra vez... «Raio do diabo!» Mas não deixava transparecer meu despeito aos que não podiam saber que em vão eu esperava, ao frio, durante duas horas, Evguenia Nicolaievna.

Lá era a *soirée* na casa dos Palozoff, casa em que jamais tinha ido, mas na qual penetraria essa noite, fosse como fosse.

— Senhores, exclamei repentinamente em tom alegre, hoje é vespera de Natal. Todo o mundo se diverte. Por que não faremos como os demais?

— E de que maneira? perguntou um da roda, tristemente.

— Onde? perguntou outro.

— Disfarcemo-nos e vamos percorrer todas as casas em que houver baile.

A minha proposta foi acceita com o maior enthusiasmo, e foi no meio de gritos, de *hurras*, de uma alegria geral que fizemos a collecta de todo o dinheiro de que dispunhamos.

Pouco depois tendo ainda reunido mais alguns estudantes bohemios eramos uma dezena de loucos a saltar pelas ruas. Invadimos a loja de um belchior enchendo-a de mocidade e de riso.

Desejei alguma fantasia sombria e bella, matizada de uma tristeza elegante e perguntei:

— Tem uma fantasia de fidalgo hespanhol?

Tinha. Mas devia ter sido muito alto esse fidalgo. Envolvido no amplo e escuro manto pareceu-me que eu ficava completamente isolado entre os meus joviaes companheiros. Tirei a fantasia pedindo uma outra.

— Quer uma de *clown*? Uma fantasia de mil côres, cheia de guisos?

— Um *clown*? exclamei desdenhosamente.

— Quer uma de salteador? Olhe este chapéo. Olhe este punhal.

O punhal me agradava. Mas o bandido cuja roupa me era offerecida com certeza não havia attingido ainda á maioridade. Entregando o chapéo que apenas me cobria parte da cabeça foi só á custa de pacientes esforços que pude tirar de novo os calções que já vestira.

A fantasia de pagem sarapintado como a pelle de um jaguar não prestava para nada. Rejeitei a de frade, cheia de remendos.

— Mas que diabo! E' preciso que te decidas que já vae ficando tarde.

Os camaradas, já vestidos todos, apressaram-me.

Não tinha mais onde escolher. Uma unica fantasia ficara ainda, a de um mandarim chinez.

— Pois dê-me a do chinez, exclamei por fim.

Deram-me a fantasia de chinez. Era verdadeiramente o diabo! Não falo da roupa. Calcei as botas muito pequenas e estupidamente pintadas nas quaes só metade dos meus pés entravam, de sorte a ficar com os calcanhares de fóra. Não falarei do trapo côr de rosa que me envolvia a cabeça para fingir a cabeça pellada do chins e que apertado sobre minhas orelhas repuchava-as como as de um morcego. Só falarei da mascara.

— Oh! Aquella mascara!

Tinha, se assim se pode dizer uma physionomia abstracta. Nella havia na realidade um nariz, olhos, uma bocca no seu logar verdadeiro, nada de extranho na apparencia; mas o conjuncto, na realidade, nada tinha de humano; tão tranquilla não podia ser a physionomia de um morto. Não exprimia absolutamente nem alegria, nem tristeza, nem espanto, nenhum sentimento emfim, nada, absolutamente nada. Na sua inconcebivel tranquillidade olhava sempre para a frente, e no entanto um riso inextinguivel se apoderava de quem para ella olhasse.

Quando a colloquei meus camaradas rindo a perder o folego cahiram sobre as cadeiras mais proximas, as mãos sobre o ventre, lagrimas nos olhos.

E quando puderam por fim falar disseram em côro:

— Será a fantasia mais original.

Eu quasi chorava ao ver a alegria delles mas quando olhei no espelho da loja a minha figura exotica um riso louco se apoderou de mim tambem.

Devia ser a fantasia mais original.

Encaminhamo-nos para a casa dos Palozoff, trocando a firme promessa de não tirarmos acontecesse o que acontecesse as nossas mascaras. Repetiamos:

— Em caso algum, haja o que houver, nós tiraremos as mascaras. Demos todos as nossas palavras.

— Palavra de honra!

— Palavra de honra!

— Palavra de honra!...

* * *

Decididamente era a fantasia mais original. Rodeado, atropellado, beliscado, atraz de mim marchava uma multidão de rostos lilazes.

E quando impaciente, eu me voltava furioso, o riso dos que me perseguiam redobrava. Não podia fugir ao circulo de doida alegria que me cercava e as vezes eu mesmo a compartilhava. Então eu cantava, dansava e tinha nos olhos a impressão de um universo inteiro, ebrio, a cambalear. Mas como estava longe de mim esse universo e como eu delle estava longe, isolado sob a minha mascara!...

Por fim, cansada, a multidão deixou-me e eu pude procurar aquella que fôra a causa da minha vinda áquella festa.

— Sou eu, disse-lhe ao approximar-me.

E ao falar-lhe estava cheio de temor, de colera e de ternura.

Seus longos cilios soergueram-se e eu fiquei como que deslumbrado por um feixe de risos negros. Mas logo um riso crystallino desprendeu-se, um riso fresco como a primavera.

— Sim, sou eu, repeti enternecido. Porque não foi á entrevista marcada?

O riso não parou.

— Soffri tanto! murmurei. Meu coração está despedaçado pela tortura!

Ella ria sempre. O brilho dos seus negros olhos se afogava, mas seu riso, mais quente, mais vibrante agora, já nada tinha de doçura primaveril de um momento antes. Cruel, elle feria-me como um sol implacavel de verão.

Irritava-me. Censurei-lhe o riso mas quando ella me disse: «Si é tão grotesco!» meus hombros descahiram, minha cabeça se curvou. Minha attitude devia ter exprimido um desespero tão intenso que o riso fugiu-lhe dos labios e ella desviou os olhos. Disse-lhe então ao paso que ella contemplava os pares que deslisavam pelo salão nos turbilhões da dansa:

— Não sente então a dor que me crispara as feições sob a mascara? Esta mascara eu só a colloquei para vel-a um momento. Não é justo que se ria porque deixando esperar tudo de seu amor tão depressa me esqueceu. Porque não veio, porque não veio ao ponto combinado?

Vi desenhar-se sobre seus purpureos labios a resposta quando ella voltava para mim seu lindo rosto, mas foi o riso cruel que delle cahiu, cascalhante. O rosto mettido no seu lencinho de rendas ella arquejava:

— Mas olhe... olhe para traz de si... ahi, ahi, no espelho.

Voltei-me, furioso, os dentes rangendo. Olhei para o espelho que me mostrou uma figura de feições imperturbaveis, estupidamente tranquillas, deshumanamente impassiveis.

A mascara mirava-me e o coração torturado pela dor disparei a rir tambem. Ria-me, tremendo de colera. Fiz o gesto de arrancar a mascara mas lembrei-me a tempo do compromisso tomado com os meus camaradas e gritei:

— Não, não deve rir-se.

— A violencia da exclamação foi tamanha que o riso extinguiu-se-lhe e ella desviou os olhos. Continuei em voz baixa então o meu apaixonado discurso. E nunca como até então eu lhe havia falado tão eloquentemente, porque nunca a amara tanto como naquelle momento. Falei-lhe das torturas da espera, das lagrimas envenenadas pelo ciume, da minha alma repleta de paixão. Falei mais, falei sempre e pude observar a sombra que seus longos cilios pudicamente abaixados faziam descer sobre suas faces, e a rosea coloração que ia-lhe tingindo as faces, o corpo aos poucos inclinando-se como se a vontade de todo o abandonasse, ao sopro de minhas apaixonadas phrases.

Fantasiada de deusa da noite, coberta de rendas negras, ella estava em minha frente como um enigma. Com os diamantes que lhe constellavam o vestuario parecia-me ver a propria noite diante dos meus olhos.

Eu falava e as lagrimas enchiam-me os olhos e meu coração pulsava de alegria. E pude ver... vi emfim sobre seus labios desenhar-se um sorriso compassivo. Lentamente seus cilios se ergueram e o seu rosto exprimia uma confiança infinita quando o voltou para meu lado.

Nunca mais ouvirão meus olhos o cascatear de um semelhante riso!

— Não, não, não posso mais, não posso mais, gemeu atirando para traz a cabeça.

E a risada continuava, sonora, crystallina, cruel...

Tive a atroz coragem de não faltar ao meu compromisso... e entretanto o que não teria dado por um unico minuto uma physionomia humana!...

Mordi os labios e minhas lagrimas começaram a correr, a correr sob a mascara, de feições regulares, tranquillas, estupidamente indifferentes. E quando pude emfim fugir, aos meus ouvidos soava ainda a risada semelhante a um jacto de agua crystallina a desfazer-se alegremente contra a bruteza inerte de um rochedo.

* * *

Nas ruas tranquillas e desertas as vozes excitadas dos meus camaradas perturbavam o silencio nocturno. Um delles interpellou-me:

— Acabas de ter um successo enorme! Nunca vi a gente rir-se tanto! Mas porque despedaças tua mascara? Elle está doido! Camaradas! Olhem como elle estraçalha a sua fantasia. Meu Deus elle chora!

* * *

LEONIDAS ANDREIEFF nasceu em 1871, em Orel, Russia. Apezar de pertencer ao grupo dos novos, sua fama é consideravel nos meios literarios de sua patria, l'obre, para estudar teve de aturar asperrimos trabalhos. E' um analysta da alma humana, um psychologo.

Amigo de Gorki, tendo idéas iguaes ás delle, já pingou na prisão seus peccados politicos. Delle se conhecem alem de centenas de contos e novellas, os romances *O Abysmo*, *O Espirito*, *O riso vermelho*, *O Silencio*.

E' o idolo da mocidade russa que o reconhece como o mais legitimo representante de suas aspirações liberaes.

CORAJOSO ORIGINAL

Na campanha do Contestado as forças do exercito têm desenvolvido o maior valor. Os casos de coragem são innumeros não só entre os officiaes como entre as praças. Mas como sempre acontece, mesmo entre as tropas mais escolhidas e valorosas ha soldados que não primam pela valentia e que cultivam de preferencia a prudencia a qualquer outra virtude militar. Um soldado dessa classe, sendo ferido no dedo, recolheu-se a Curitiba. Alli contava as suas proezas e a sua coragem :

— Eu até fico admirado comigo mesmo. Medo é cousa que eu não conheço. Eu posso vêr a morte deante de mim, que o meu coração não bate uma pancada mais depressa. Isso é um dote de familia. Meu pae não tinha medo. Nunca gente minha teve medo. Nós podemos não ter outras qualidades ; mas coragem ninguem nos póde negar...

Nesse momento entrou na roda um soldado que tinha sido companheiro do preopinante e que o interrompeu :

— Qual ! Deixe de contar historias ! Na minha presença você não arrota valentia. Nos combates em que entramos, quando o tiroteio começava a pipocar, você era o primeiro que corria. Você nega isto ?

— Não. Não nego.

— E como é que ainda se gaba de valentia ?

— Porque sou deveras corajoso. Valente eu sou. Coragem não me falta. Agora minhas pernas é que, quando as cousas ficam pretas, dão ás de Villa-Diogo. Mas disso não tenho culpa...

X.

O carnaval na Avenida Rio Branco

(Estribilho)

O Nilo é batuta
E o Sodré aguenta a truta. (bis)

3o

No morro da Graça
Aonde mora o seu «minhoca»
E quando sabe, da sua toca
Vai ao Cattete varejar,
Vareja a toda hora
E depois vai dando o fóra
Sem o dinheiro arranjar.

(Estribilho)

O «minhoca» é «cabra bão». (bis)
Varejou ahi a Nação. (bis)

4o

O seu Laláo
Diz que tem juizo,
E que agora é preciso
O dinheiro arranjar,
Mas seu Sodré
Juntamente com o «minhoca»
Dizem, que na tóca
O arame «ão» de cavar.

(Estribilho)

«Minhoca» cava bem...
Mas desta vez não cava vintem !

ECHOS DO CARNAVAL

A praga do Dudú

(*Musica da « Caraboo »*)

1o

Lá no Cattete,
Aonde está o seu Laláo
Existe coisa original
Do tempo da «monarchia»
Mas hoje em dia
Isso tudo se acabou,
Devido á praga que ficou
Do Dudú e companhia.

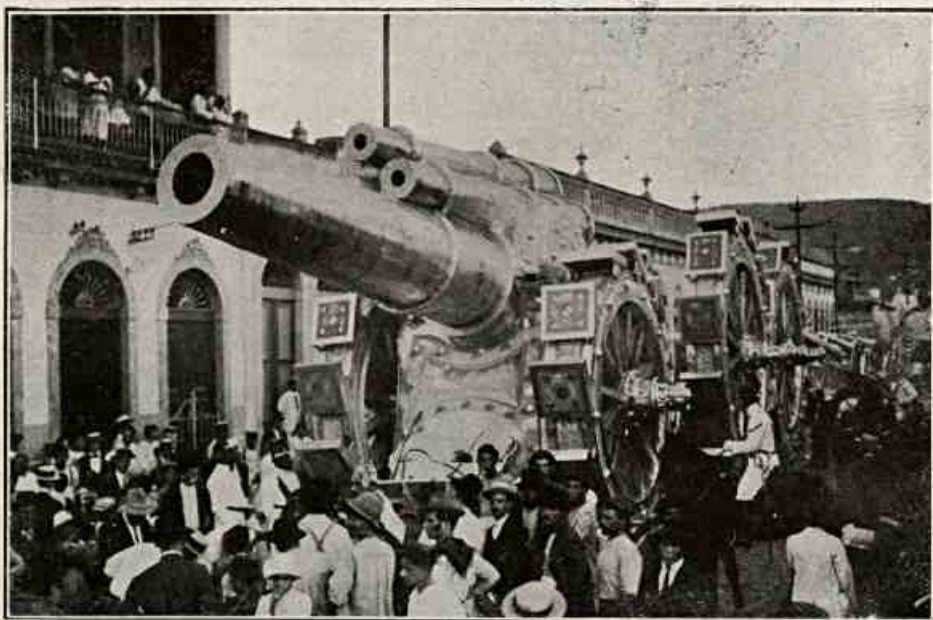
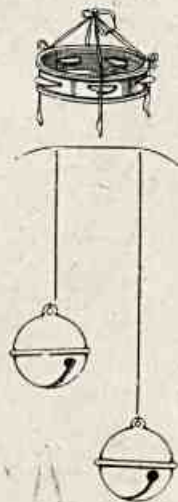
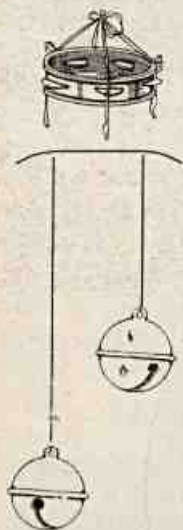
(Estribilho)

Dudú nasceu sem o pello (bis)
Tem urucubaca, no cotovello.

2o

Nilo Peçanha
Diz que não ha furo
E que acaba é dando um murro
No tal de seu Sodré, !
Mas o «minhoca»
Ficou todo damnado
Vai morrer avaccalhado
Juntamente com o Teffé.

Um dos muitos *Dudús.*

Tenentes do Diabo

I — A Paz. II — Carro Chefe, «420 allemão».

AS CINZAS

"Memento homo quia pulvis es, et in pulverem reverteris"

Logo que chegou a Ouro Preto, afim de iniciar os preparatorios, o estudante Ostalio hospedou-se, por determinação expressa do pae, um fazendeiro de Grão Mogol, em casa do seu tio materno, o procurador Sertorio, residente em um velho predio á rua das Escadinhas.

O major Sertorio, que era viuvo e morava com uma filha de vinte annos, Stella, morena, formosa e innocente, era um velho maniaco: vivia a ler romances de Castilhos e a collecionar antiguidades. Dizia-se que possuia no seu abundante archivo uma reliquia preciosa: um veridico dente da celebre Marilia de Dirceu.

Ora, certa tarde, após o jantar, recahiu a conversa á mesa sobre a efficacia dos innumeros dentifricios annunciados pelos jornaes. O major Sertorio, condemnando todas as invenções modernas, era partidario do carvão vegetal, puro e simples, como o melhor conservador dos dentes.

O padre Marcos Penna, vigario de Antonio Dias, que estava presente, optava pelo bicarbonato de potassa. A formosa Stella defendeu a pasta «Kalodant» de que era devota assidua.

— E o senhor, perguntou o procurador ao estudante, até então taciturno, na sua opinião qual o melhor dentifricio ?

— Eu lhe explico, respondeu o Ostalio. Nunca tive meus dentes tão limpos e claros como depois que comecei a escoval-os com a cinza que encontrei em meu quarto.

— Que cinza ? perguntou o major attonito.

— Uma cinza branca que achei numa caixinha de páo preto.

— Com milhões de demonios ! exclamou o procurador, esquecendo-se da presença do padre Penna.

— Que houve ? perguntou o estudante, tremendo.

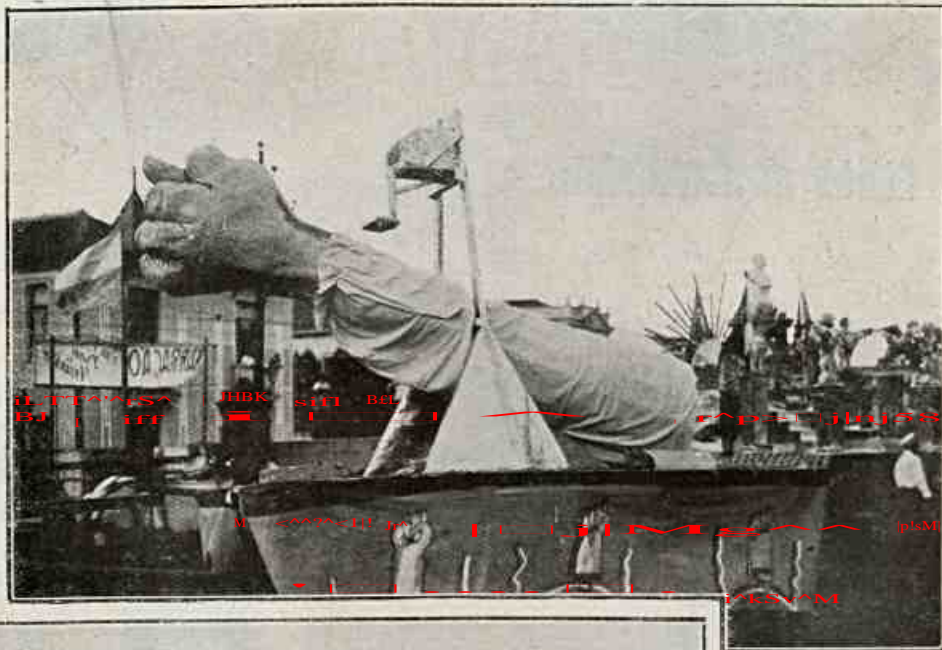
— O sr. escovou os dentes com as cinzas de meu avô!

Serenada a tempestade, o padre Penna interveiu pacificamente :

— O sr. Ostalio não commetteu sacrilegio, pois agiu de bôa fé. E a memoria do venerando avô do nosso amigo não foi desrespeitada, porque os seus restos mortaes tiveram um fim util, pelo menos mais util do que a perda no anonymato da sepultura.

Quem nos dera acontecer o mesmo ás nossas cinzas ! *«Memento homo quia pulvis es...»*

C.

Flôr do Andaraby

I — Figa contra a urucubáca. II — Homenagem ao Presidente Wencesláu

ECHOS DO CARNAVAL

O Cordão da "Familia Feliz"

E finalmente, terminou a maroteira,
a valente pepineira,
Que fizemos todos nós,
de bolsos cheios, recheiados de dinheiro,
sem fazer qualquer berreiro,
brinquemos todos a sós.

(Estribilho)

Pandéga, Dudú, pandéga,
que a nossa fama não nega.

Dudú cheiroso, oh! cheirosa creatura,
mostra aqui tua *bravura*
em «cutuba» *corta-jaca*.
Entra Jangote, mano velho, requebrado,
que o «Rainha» vae entrando
no jogo da «urucubaca.»

(Estribilho)

Rainha-mãe e Jangote
têm cheirinho no cangote...

Carnavalescos de renome, endiabrados,
não têm, siquer, furados
vintenzinhos na algibeira,
Nós, entretanto, temos *milho* com fartura,
que a cheirosa creatura,
fez, bem feita, a bandalheira...

(Estribilho)

Dudú é cabra sarado,
é cabrinha avaccalhado.

Andem, dahi, vamos brincar, oh! pessoal
que passa breve o Carnaval,
pois são tres dias de folia...
Mexe, *Laláo*, *Laláo* querido das cocottes,
Mexe bem os teus saiotes,
neste grupo de arrelia.

(Estribilho)

Laláo, requebra mulato,
Mexe bem, com espalhafato...

Dizem papalvos que *Dudú* é orelhudo,
que «Elle» tem falta de tudo,
que é sujeito bobalhão...
Deixem falar, deixem falar essa gentinha,
se soffrem da «miudinha»,
venham dansar no cordão...

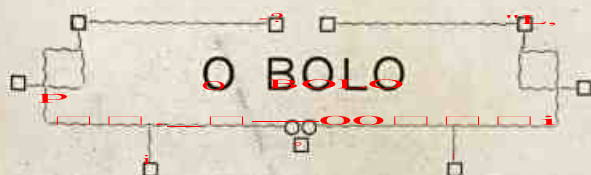
(Estribilho)

Dudú, embora orelhudo,
fez *trabalhinho* polpudo.

Vamos p'ra casa pessoal, que já é tarde,
E o Rainha, com alarde,
já está morto de canseira...
Jangote, ex-chefe do grupinho «avaccalhado»,
Já se encontra, assás chumbado,
nesta alegre brincadeira...

(Estribilho)

Que bacchanal, que resaca,
pessoal da «urucubaca»,

O BOLO

Na terça-feira gorda a Rainha Mai celebrou a despedida da carne com um jantar intimo. Durante o brodio reinou, como se diz nos noticiarios, a maior cordialidade. A sobre-mesa o Dudú, que adquiriu no Cattete o habito de comer bastante, puxou para junto de si um bolo appetitoso, dividiu-o ao meio cento e poz metade no seu prato. Junto delle estava um joven secretario de legação muito cortez e cheio de etiquetas.

— Sirva-se de bolo ; disse-lhe o barão.

O joven diplomata ficou vacillante. O barão repetiu :

— O Sr, não gosta de bolo ? Sirva-se.

O secretario, enleado, olhou para o prato do Dudú, depois para o prato que ficou na mesa e perguntou :

— Qual é o bolo ?

X.

* * *

— Viva ! que bengala ! tens arma...

— E' ; reflecte o espirito dos tempos...

— ? !

— Eu te conto. Ha dias, no bonde, sentei-me ao lado de dois sujeitos que visivelmente se incommodavam. Comprehende-se : calor, viagem longa, banco apertado... Naquelle inferno, os dois passageiros principiaram a julgar-se incompativeis. Um delles, o que occupava a extremidade do banco, uzava um lindo, um rijo, um formidavel cipó entrançado. Era o mais insolente. Notava-se que, á vista do madeiro, o outro, no intimo, vacillava. Ora, de repente, a uma curva, o carro, veloz, saltou, e, ao salto, lá se foi, rua fóra, o monstruoso bengalão. O dono, ao virar-se, tocou sem querer o braço ao vizinho e este immediatamente, vendo-o desarmado, atirou-lhe pelas ventas tamanho temporal de murros que o vehiculo parou, acudiu gente, veiu a Assistencia...

— E tu ?

— Eu ? E' bôa ! Fiz o que devia, homem ! Ao chegar á cidade, dirigi-me ao commercio e comprei esta vara...

Quarta-feira de cinzas

ELLE — Nem mais um pandeiro escuto,
Esta pequena bebeu.

ELLA — Que queres?... Puz-me de luto.
Foi Momo quem falleceu.

A razão do fazendeiro

Um fazendeiro de Minas vindo ao Rio tratar de negocios, hospedou-se em um hotel do centro da cidade. Logo depois do almoço sahiu para cuidar do que o trouxera á capital, mas com tanto caiporismo que um automovel lhe investiu em cima, atirou-o ao chão, passou-lhe pelas pernas e o deixou quasi morto. O mineiro foi levado dalli mesmo para o hospital, onde os amigos o foram visitar. Alli o pobre homem lamentava a sua sorte, e vendo que morria não se podia conformar com a idéa. Os amigos procuravam confortal-o, mas era inutil. Um delles, consolando o fazendeiro, disse-lhe :

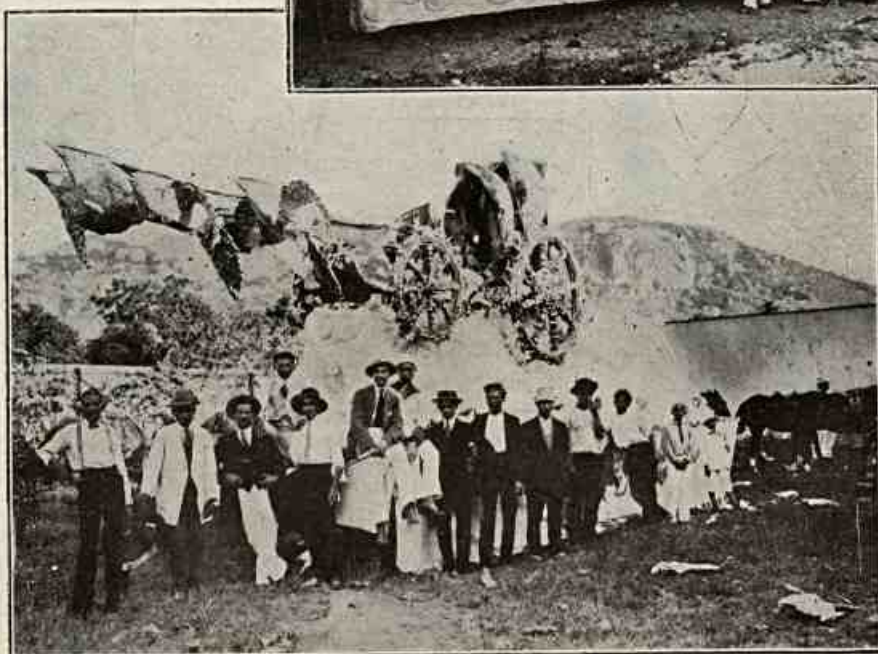
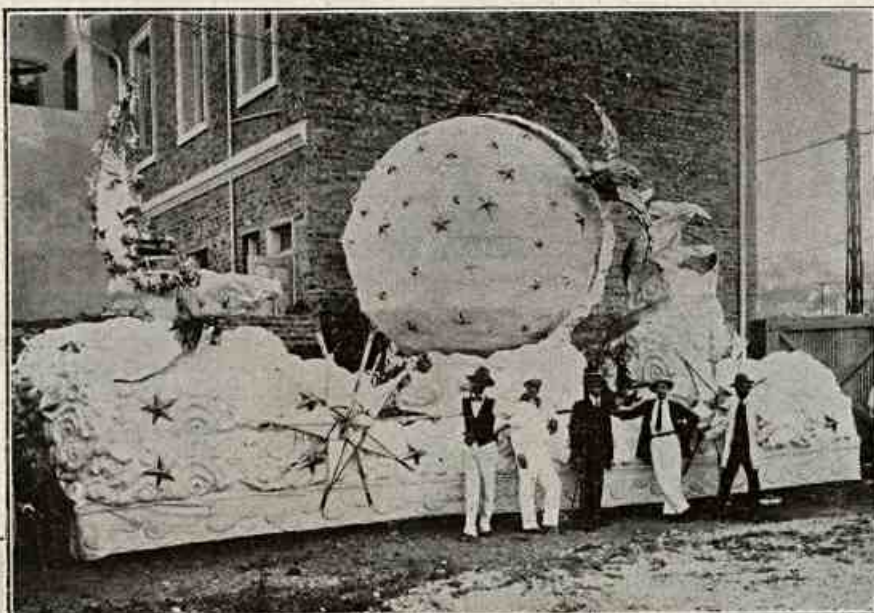
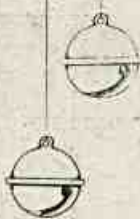
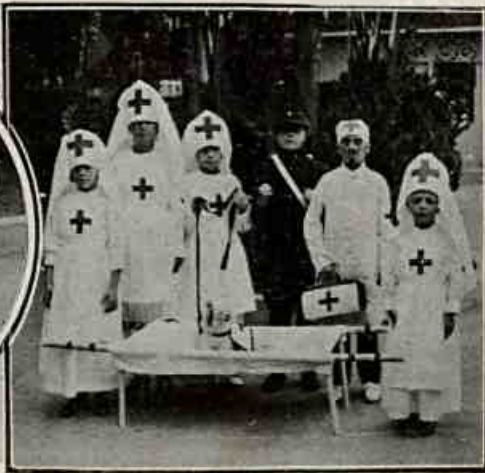
— Conforme-se, meu amigo. Isto são cousas da vida. Afinal ha muitas outras cousas peiores que a morte. Você tem uma familia pequena e deixa fortuna regular. Por esse lado não tem nada de que se incommodar...

O fazendeiro continuava gemendo. O amigo continuou :

— Demais, meu amigo, hoje vai você, amanhã vou eu. Cada um de nós tem de morrer uma vez.

— E' exactamente isso que eu lastimo, respondeu o mineiro. Se eu tivesse de morrer meia duzia de vezes não me importava.

X.

Progressistas Suburbanos

I — Carro Chefe, «Triumpho de Venus». II — Carro Flora

Matinée Infantil promovida pela *A Noite.*

OS ANIMAES EM CONSELHO DE GUERRA (*)

Os animaes, em certo dia,
Constituiram tribunal,
Para um dos seus irem julgar.
O réu taes crimes commettia,
Que tantas victimas do Mal
Jamais se ouviu alguem chorar.

O Leão Flamengo foi á presidencia alçado
Desse conselho original de guerra,
Que após se completou de forma definita,
Pelo Gallo Francez, tendo a seu lado
O potente Urso Moscovita,
Mais o Leopardo de Inglaterra.

Ao surgir o accusado,
Um fremito de espanto irradiou pela assistencia,
Pois era elle um senhor de altissima eminencia,
Que se via encadeado,
Preso ao banco dos réus, numa infamia tamanha;
Era elle a Aguia Real da Prussia e da Allemanha.

Mas em que triste e doloroso estado,
Estava agora o grande potentado!
As duas azas arrastando em terra,
Mesto, a cabeça baixa, depennado,
Todo o bico amolgado,
Um pedaço do sceptro em as garras encerra;
E sangue a porejar, que em todo o corpo havia,
De pé manter-se mal podia.

Era difficil suppor
Nessa figura andrajosa,
Quem se chamava o Senhor,
A Aguia Allemã temerosa,
Que em horas capitaes, ameaçadora agia
Com o seu grande poder, que eterno parecia,
E ao mover de azas só, o mundo estremecia.

E o velho Leão lhe fala assim: «Tu, sem razão,
«A custa da mais negra e covarde traição,
«Ha muito preparaste e declaraste a guerra
«Aos teus irmãos que em paz viviam sobre a terra.
«Para o vôo levantar
«Tu, da Germania os céus, não julgaste bastante
«E quizeste mais longe ainda voar.
«Ante a perfidia má sem ficar hesitante,
«Só tendo fé na Força e o Direito pizando,
«Te ergueste contra nós, desleal nos atacando.
«Por nossa confusão,
«Julgaste-nos vencidos de antemão.

«Mas quando comprehendeste
«Que convinha voltar attonito ao teu ninho,
«Surprehendido, te encheste
«De um colerico e atroz espirito damninho!...
«Desde então esse espirito te nutre,
«E de Aguia que eras tu, tu te tornaste Abutre!
«Com as garras aguçadas e potentes,
«Dilaceraste mil victimas innocentes!
«Tua pusillanimidade
«Igualava-se á tua crueldade.
«Combateste de um modo desleal;
«Os combates por ti não têm mais dignidade;
«A luta actualmente é horrivel, bestial;
«A guerra se tornou um grande assassinato.
«E podes te orgulhar com tão brilhante facto!
«Mas, felizes de nós,
«Homens não somos nós!
«Em renegando assim as juras que empenhaste,
«A nossa raça deshonraste!
«Passaro da Germania,
«Pela animalidade agora eu te declaro
«Que é indigno de ti, de Aguia o nome preclaro.
«E, castigo cruel da ignominiosa insania,
«Eu te condemno á morte.
«E os que provém de ti terão a mesma sorte,
«Para que nunca mais o Mundo vos supporte.»

. . . .

E logo os animaes á Aguia medrosa
Se lançaram com furia impetuosa.
O Gallo lhe furou os olhos a bicadas;
O Leão lhe quebrou as costas a dentadas;
Malicioso, o Leopardo a besta ingrata,
Brincando, a depennou...
E afinal o Urso ergueu a pata
E a esmagou.

Rio, 31 de Janeiro de 1915.

REIS CARVALHO
(Oscar d'Alva)

(*) Esta fabula traduzimol-a de *Les Annales*, numero de 3 de Janeiro de 1915. O autor, René Berton, major-medico do exercito francez, é tambem poeta e dramaturgo.

R. C.

INFELIZ RESULTADO

A experiencia é a mãe da prudencia, disse ou deveria ter dito o conselheiro Accacio aos seus amigos.

Esta phrase encerra uma verdade incontestavel.

Contam que, um celebre advogado, antes de fazer qualquer accusação em publico, exercitava-se accusando um perú preso dentro d'um balaio. Assacava sobre a individualidade do perú os maiores insultos: bandido, scelerado, degenerado, serás condemnado ás galés perpetuas. Dizem mesmo que um dia chegou a chamar o perú de *hermisticamente* burro.

Este facto e muitos outros vêm provar que é sempre necessario experimentar-se qualquer coisa que se pretenda exhibir publicamente.

Disso porém não sabia Mme. X.

Contam que, tendo esta senhora ido á igreja n'um domingo, sentiu um forte perfume de rosas.

Amadora desse extracto, não poude se conter, dirigindo-se logo á senhora portadora daquelle precioso aroma. Perguntou-lhe onde o havia adquirido.

Não o comprei, respondeu-lhe a outra. O que acontece é o seguinte: quando sáio de casa tenho por costume comer petalas de rosa; depois de uns 5 minutos, o meu halito apresenta este agradavel perfume, que lhe chamou a attenção.

Mme. agradeceu a informação e... no outro domingo quem comeu as petalas foi ella.

Nesse dia, ella não *ligou* á pessoa alguma, porque julgava-se cheirosa creatura.

Respirava fortemente, procurando perfumar o meio em que se achava.

Estava crente de que era toda perfume.

N'um dado momento, porém, uma senhora que estava um pouco distante, exclamou com descontentamento, levando a mão ao nariz: — hum! que é isso gente ?!...

A cheirosa creatura pensando tratar-se do seu supposto cheiro, rompeu pachorrentamente: sou eu aqui...

COLOMBO

◘ ◘

Pinheiro, rei dos pinheiros,
Não é de ferro, é de páo,
Adéus imperio da christa
Que fez tremer o Lalão.

◘ ◘

Catão dizia que a melhor maneira de não deixar esquecer as boas acções era refrescal-as com outras.

UMA DO MATHIAS

(Historia sabida)

Toda gente conhece as historias do criado Mathias. Isto é, toda a gente que as conhece pensa que os outros tambem as sabem, e por isso perde frequentes ensejos de as contar. Mas experimentem um dia em um salão. Contem a historia mais sabida, e verão que entre os ouvintes ha sempre metade ou dous terços que a não conhecem. E' isso que me anima a contar uma historia sabida do criado Mathias, que por signal são duas.

O criado Mathias quando entrou para o serviço domestico era inteiramente bisonho. O seu primeiro emprego foi de copeiro. Elle não sabia como servir a mesa. Então o patrão resolveu ensinar-lhe, dizendo-lhe que prestasse attenção para repetir a mesma coisa. Sentou o Mathias na cabeceira da mesa e foi buscar o bife. Trouxe a travessa na palma da mão, com o guardanapo no braço, chegou ao lado esquerdo do Mathias, curvou-se, poz-lhe no prato um bife e retirou-se. Mas ao retirar-se a travessa escorregou-lhe das mãos e cahiu no chão, espadanando môlho por toda a parte. O patrão limpou a calça contrariado e foi sentar-se á mesa, ordenando ao Mathias que servisse. O Mathias trouxe da cosinha outra travessa, com o guardanapo no braço, chegou ao lado esquerdo do patrão, curvou-se, poz-lhe no prato um bife. Depois retirou-se, deu dous passos e atirou ao chão a travessa que se partiu em cacos.

Vendo que não servia para copeiro, o amo o transferiu para criado de quarto. Nesse mesmo dia, á tarde, estava o patrão em chinellos quando chegou um amigo que o convidou para sair. Elle chamou o Mathias e ordenou-lhe que fosse ao seu quarto buscar um par de botinas. No quarto havia dous pares, um preto e um amarello, atirados a um canto. Mathias foi apanhar duas botinas e levou.

— Mathias, disse-lhe o patrão, você me trouxe uma botina preta e outra amarella. Vá de novo, accenda a luz e me troque isto.

Mathias pegou as botinas desirmanadas sahiu e voltou dahi a pouco com ellas, os olhos esgaseados.

— Que é isso Mathias ? Porque não trouxe um par direito ?

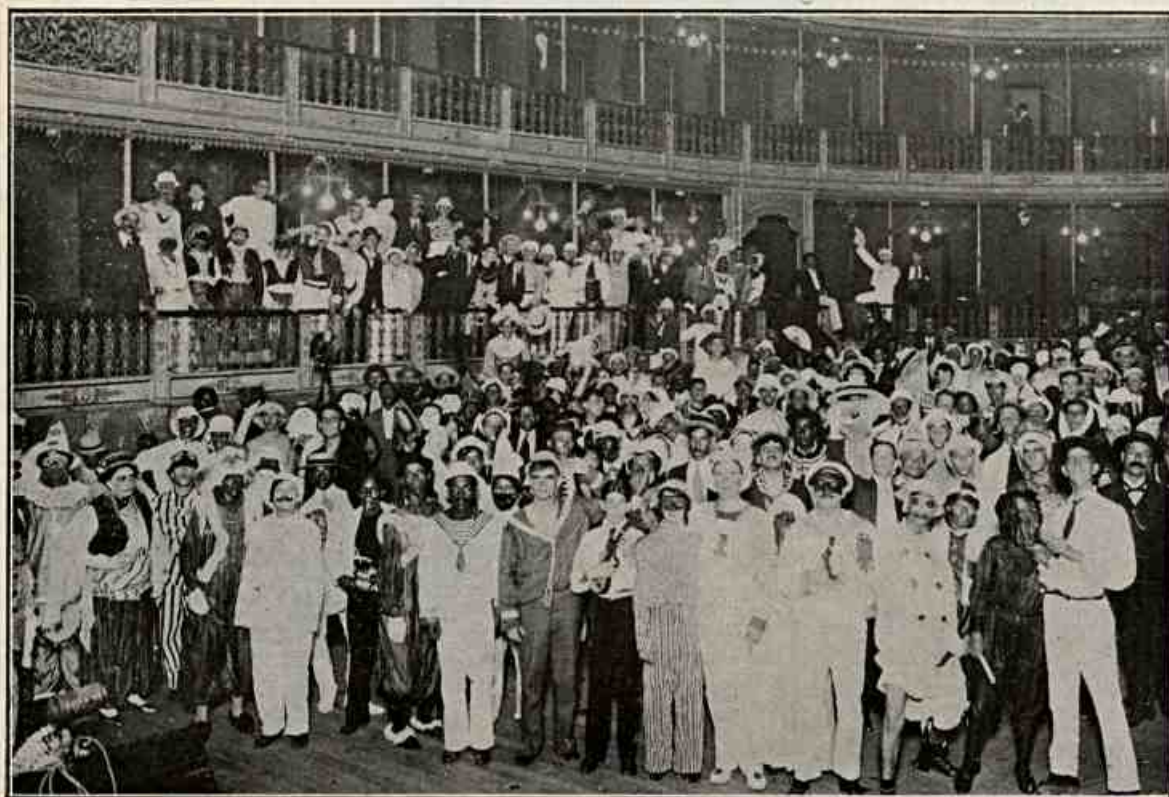
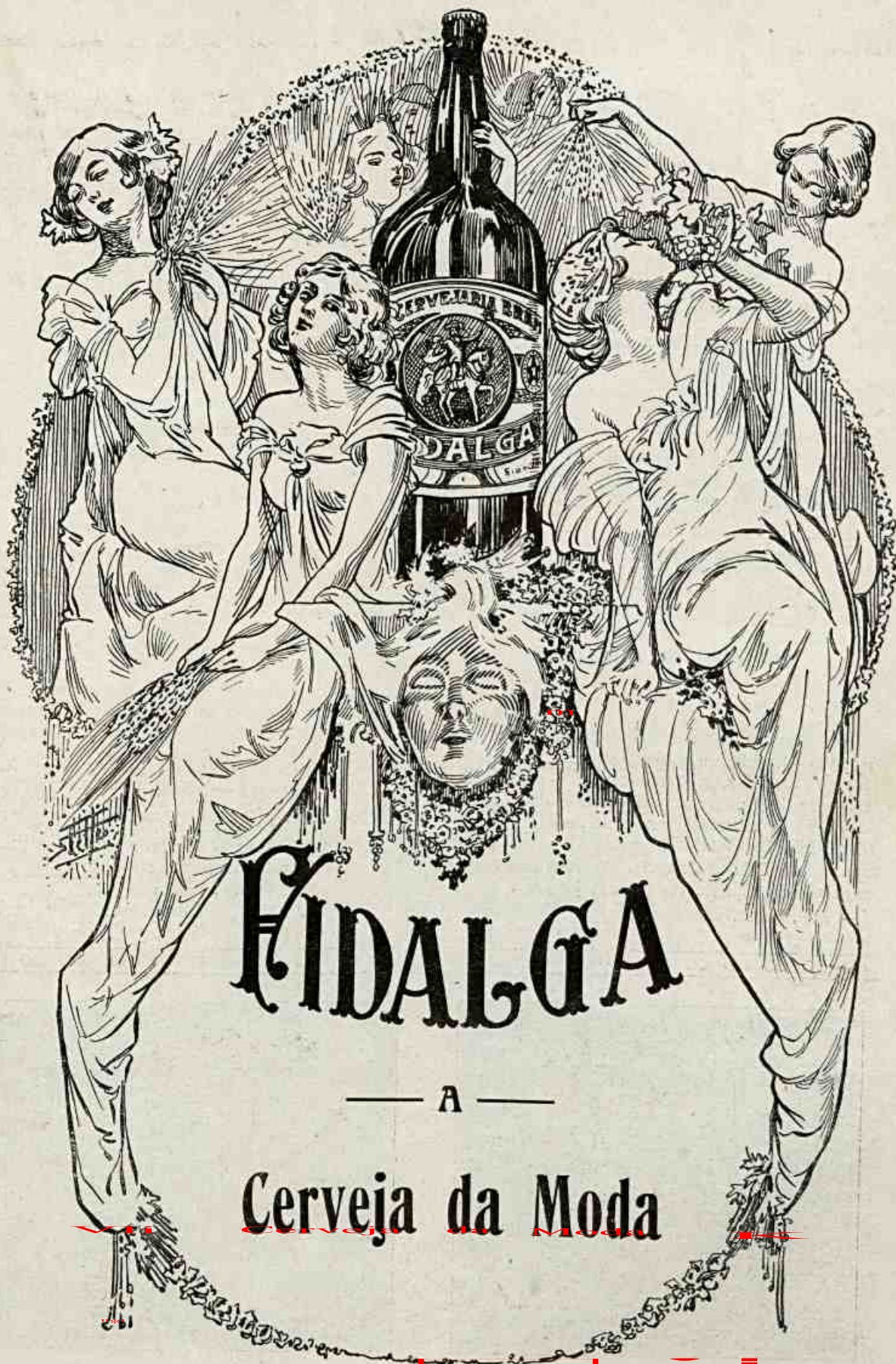
— E' exquisito, meu amo ; mas o outro par que encontrei lá tambem está desirmanado...

Mathias foi despedido. Elle não tinha ainda dez annos de serviço. E' por isso que em toda a parte, até hoje, apparece o criado Mathias á procura de emprego.

X.

O homem ama pouco e frequentemente : a mulher muito e raras vezes.

CHATEAUBRIAND

O CARNAVAL

Baile no Theatro São Pedro

FIDALGA
A
Cerveja da Moda

ECHOS DO CARNAVAL

O " Amarellejo "

Sempre a sorrir,
Sempre a saltar,
Nesta «apertura»
O «Amarellejo» quer passar.
Teffé me deu
Um casal de urucubaca...
Dudú morreu
Sapecando o corta-jaca.

ECHOS DO CARNAVAL

Esfollados do Aragão

Eis aqui os Esfollados,
Filhotes de guaiamú,
Vêm trazendo a urucubaca
Deixada pelo Dudú.

(Estribilho)

Ai, ai, ai,
O Dudú cortou a jaca,
No recreio do Aragão
Tambem tem urucubaca.

As joias de uma mãe

Uma senhora da Campania, faustosa e opulenta, visitando Cornelia, mãi dos Gracchos, exhibiu vaidosa as suas joias, que eram muitas, e pediu a Cornelia que lhe mostrasse as della. A dama romana lhe disse que esperasse um pouco, e continuaram a palestra. Dahi a pedaço chegavam da escola os seus dous filhos Caio e Cornelio. A dama perguntou á amiga se ainda queria ver as suas joias.

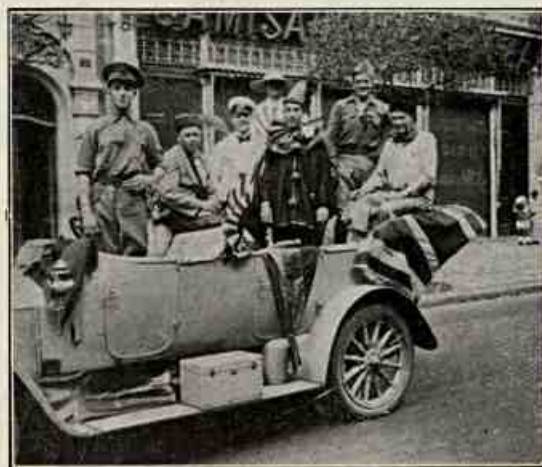
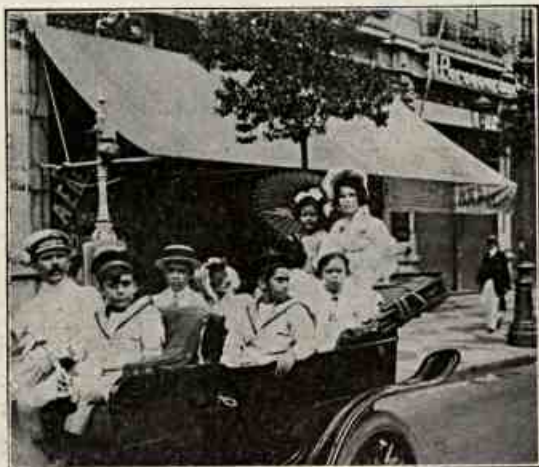
— Sim, quero.

— Pois, eis aqui as minhas joias, — disse Cornelia, mostrando os filhos.

Este episodio, que é historico, passou-se ha dous mil annos. Mas como teria cabimento e opportunidade a resposta de Cornelia a muitas mães actuaes...

X.

Folk-lore

Tudo o que é bello e mimoso
A natureza te deu :
Tens tudo ; porém te falta
Um coração como o meu.

O carnaval na Avenida

ECHOS DO CARNAVAL

Bloco das Japonezas

(COPLAS)

(*Musica da modinha Santos Dumont*)

Venham todos a correr applaudir
O magestoso Bloco Japonez.
Na folia todos nós a divertir
Vamos matar a urucubaca de uma vez.

Ai meu Dudú,
Dudú brejeiro
Leva o Pinheiro
Lá pr'o Cajú.

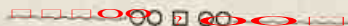
A Europa curvou-se ante o Jangodes
Com seu famoso principe de Galles,
Mas aqui si não pagar os cem mil bodes
Lhe penhora os cacarécos o Mario Salles.

Ai meu Dudú
Etc. etc.

No processo de Clodio, Cicero foi testemunha e depoz sob juramento, mas o juri, que era composto de cincoenta e sete, julgou contra o que elle depuzéra. Um dia no senado, Clodio e Cicero tiveram uma altercação e Clodio disse a Cicero :

— O juri não te deu credito algum.

Cicero respondeu :

— Vinte e cinco jurados deram-me credito ; mas os trinta e dois restantes não te deram a ti credito algum, pois receberam o dinheiro de antemão.

Palpites para o bicho

Bom palpite é o Pinheiro,
Não fica atraz o Dudú,
Um é gallo do terreiro,
O outro um triste perú.

Um democrata dizia :

— Se Adão tivesse a idéa de comprar um titulo de conde ou marquez ao papa, nós todos seriamos nobres.

Com suas proprias armas

Uma senhora, dessas que têm cabello nas ventas, precisando de uma dentadura, procurou um dentista. A mulher levava boa apresentação, e o artista por isso não exigiu pagamento adeantado. Contractou a dentadura por seiscentos mil réis, fêl-a, e entregou. Mas quando apresentou o recibo, ella não lhe deu o dinheiro.

E' um facto muito commum aos dentistas serem caloteados. Mas esse a quem me refiro não se conformou com o prejuizo, e até hoje tenta receber a importancia do seu trabalho. De cada vez que elle vai cobrar, o que se dá toda semana, recebe, em vez do dinheiro, uma descompostura de tirar couro e cabello. Ha poucos dias encontrei esse dentista, que é meu conhecido. Perguntei-lhe pela sua cliente e elle me respondeu :

— Foi um logro definitivo. Já estou convencido de que não receberei nem um vintem. Aquillo é a mulher mais caloteira que existe nesta capital. Não volto lá mais. E' inutil. Da ultima vez que lá fui, alem de uma formidavel descompostura, ella avançou contra mim, unhou-me a cara e quiz até morder-me....

— Devéras ?....

— quiz morder-me com os meus proprios dentes.

P.

O Pinheiro ao marechal
Disse : «Querido Dudú,
Não brincas no Carnaval?»
— Ando triste e jururú !

ANNUNCIOS

Vende-se uma corôa de lata, um manto de algodão fingindo arminho e uma «empafia» já bastante abatida. Vende-se tudo por 200 réis. O motivo se explicará ao comprador. Para tratar em Petropolis com a Rainha Mãi.

*

Bôa occasião — Chanteoler, desejando retirar-se do rinhadeiro, vende dois esporões de aço nikelado, um pouco rombudos, uma crista já meio comida a bicoradas e meio kilo de sebo proprio para untar a cabeça. Para contractar no morro da Desgraça.

*

Livros em branco — Augusto Rapadura tendo ainda um stock de livros em branco, completamente novos, de cem paginas, *in-folio*, vende-os para collegiaes ou para outros mistéres.

*

Anno novo — O cidadão Silva e Rosa, não estando satisfeito com seu amo por não lhe ter podido conceder o cargo de senador, que tão bem desempenhou na Europa, resolveu traspassar-se para outro amo que lhe assegure melhores vantagens.

*

Genro — O cavalheiro U. S. (não confundir com o sr. Urbano Santos) precisa com urgencia de um genro de maior idade, de bôa apparencia e que disponha de alguns recursos proprios, visto como não o pode dotar á custa do Estado.

Entre bohemios

— Olá ! como vae essa bizarria ?

— Menos mal ; e tu, como vaes ?

— Bem. Estava doido para encontrar-te, pois quero saber em que dia te casas.

— Em que dia me caso ?

— Sim ; pois tu não pediste a mão da Josina ?

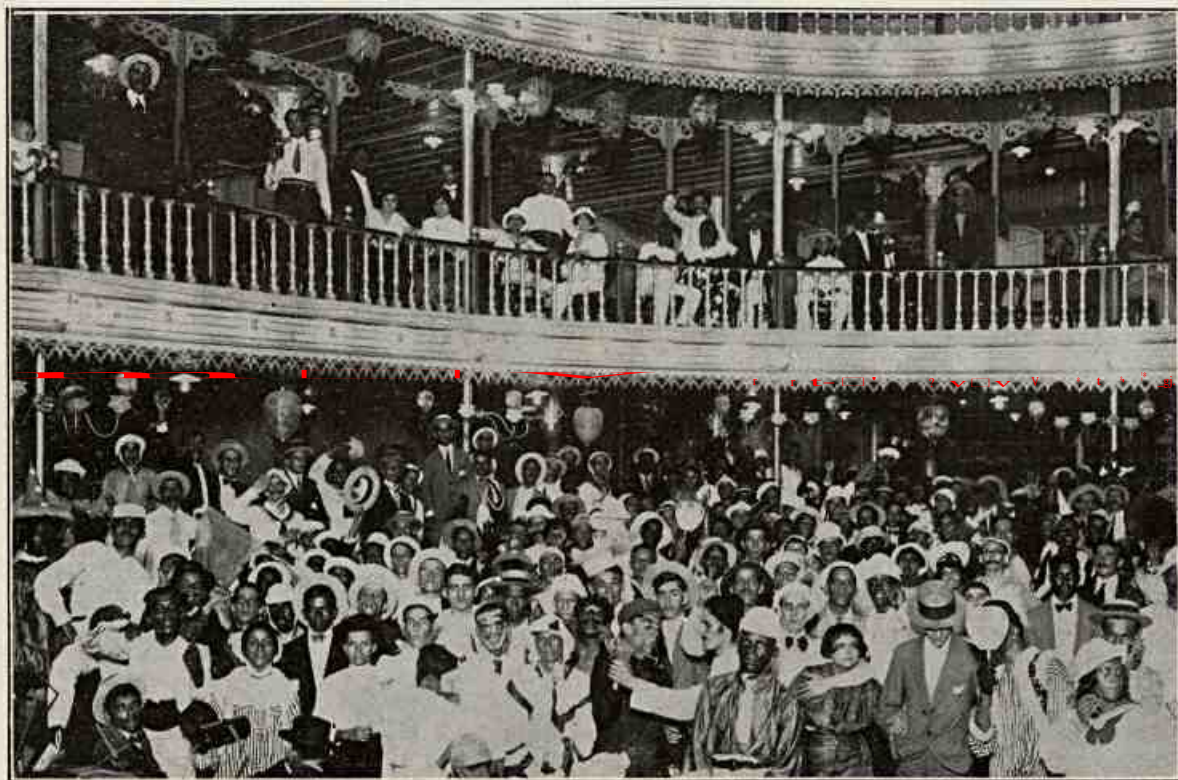
— Ah ! é verdade... O casamento foi adiado.

— Para quando ?

— Foi adiado indefinidamente.

— Indefinidamente ? !

— Sim... ella... casou com outro.

O CARNAVAL

Baile no Theatro Carlos Gomes

O Convento de Santo Antonio e aspectos do interior

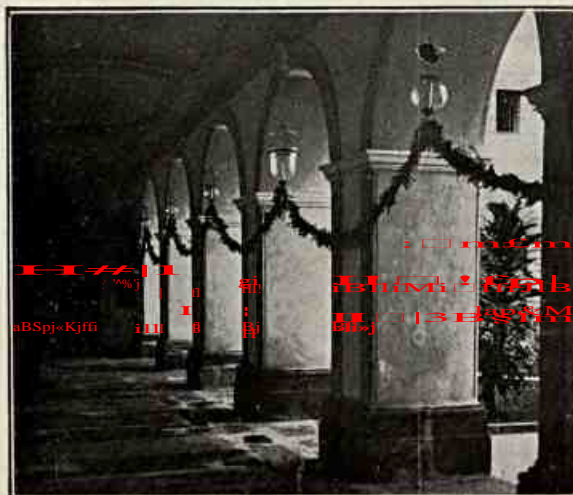
Patriotismo parisiense

O commendador Silva que chegára ao Brazil ha trinta annos, e fôra empossado da vassoura do armazem do qual é hoje proprietario, só agora poude voltar a revêr em Portugal os seus parentes. Estando lá, quiz dar um pulo a Paris, para fazer idéa do que é a vida na capital de uma nação em guerra. Apezar de muito dissuadido pelos parentes e amigos, elle tomou o trem e foi. Esteve em Paris dous dias, e de volta perguntaram-lhe qual tinha sido a sua impressão.

— Foi a mesma que eu imaginara — respondeu o commendador. Os francezes não perdem tempo em manifestações e conversas ociosas, como é costume aqui e no Brazil. Emquanto uns estão na guerra, outros estão trabalhando. Paris está com a vida em ordem. Não parece que ha guerra tão perto. A unica manifestação patriotica que observei foi quando chegou a noticia de uma victoria dos francezes sobre os allemães. O povo ajuntou na frente de um jornal, a ler as noticias, e dahi a pouco partiu um grupo, com a bandeira na frente, a cantar a «Mayonnaise».

X.

Os olhares, eis a grande arma da coquetterie virtuosa. Pode-se dizer tudo com um olhar ; e todavia pode-se sempre negar um olhar, porque elle não pode ser repetido textualmente.

STENDHAL

Aspectos do interior do Convento de Santo Antonio

Antigono costumava disfarçar-se e andar pelas barracas dos seus soldados escutando o que elles diziam ; ás vezes ouvia alguns falarem muito mal delle. Entreabria então a lona da barraca e dizia:

— Se querem falar mal de mim vão um pouco mais para longe.

A JUSTIÇA

— (Conto para creanças de 30 a 80 annos) —

N'aquelles bons tempos em que a Humanidade ainda tinha senso commum, havia uma pudibunda donzella, filha primogenita de Minerva, chamada Justiça.

Quando na heroica Grecia foi instituido o Areopago, cuja séde, segundo affirma Cesar Cantú, era uma cabana de barro coberta de capim, ella se poz ao serviço dos magistrados que compunham o celebre tribunal.

O julgamento de Phrinéa, a extraordinaria grega de tão extraordinaria belleza, muito desgostou a pudibunda donzella que, abandonando o Areopago, sahiu pelo mundo em busca de mais dignos senhores.

Chegando a um paiz longinquo, cujo nome ignoro, foi bater á porta de um magistrado, onde esperava ser abrigada. Este indagou do seu nome e ao sabel-o teve um calefrio. Momentos depois mandava-a expulsar de sua porta por impiodosos creados.

Faminta e esfarrapada vagou pelas ruas da cidade, sem destino, até que avistando um magnifico palacio foi bater ao portão do seu jardim. Era o palacio do rei d'aquella esquisita terra. Um guarda fêl-a entrar no jardim e foi dizer ao soberano que uma mendiga pedia abrigo no paço real. O rei mandou-a conduzir á sua presença, mas depois de ouvir a sua historia e o seu nome, ordenou que a expulsassem do palacio.

Desanimada, a infeliz donzella, atirou-se sobre um banco da praça disposta a deixar-se morrer de fome.

Adormecera, mas dentro em pouco acordára ao ruido de uma faustosa carruagem que passava.

Ergueu-se e dirigindo-se a um traseunte, perguntou :

— De quem é aquella carruagem ?

— E' do Sr. Milhão, respondeu elle.

— Onde habita esse senhor Milhão ?

— Habita um rico palacio nas margens do rio Fortuna.

— Dista muito d'aqui esse palacio ?

— Não, apenas meia hora de viagem.

E sem mais querer saber, a esfomeada donzella, foi bater ás portas do palacio do Milhão. Um guarda fêl-a entrar e apresentou-a ao seu senhor. Este informado do seu nome e da sua historia, teve compaixão d'ella e admittiu-a no seu palacio mediante a condição explicita de nunca o contrariar porque o Sr. Milhão era muito neurasthenico.

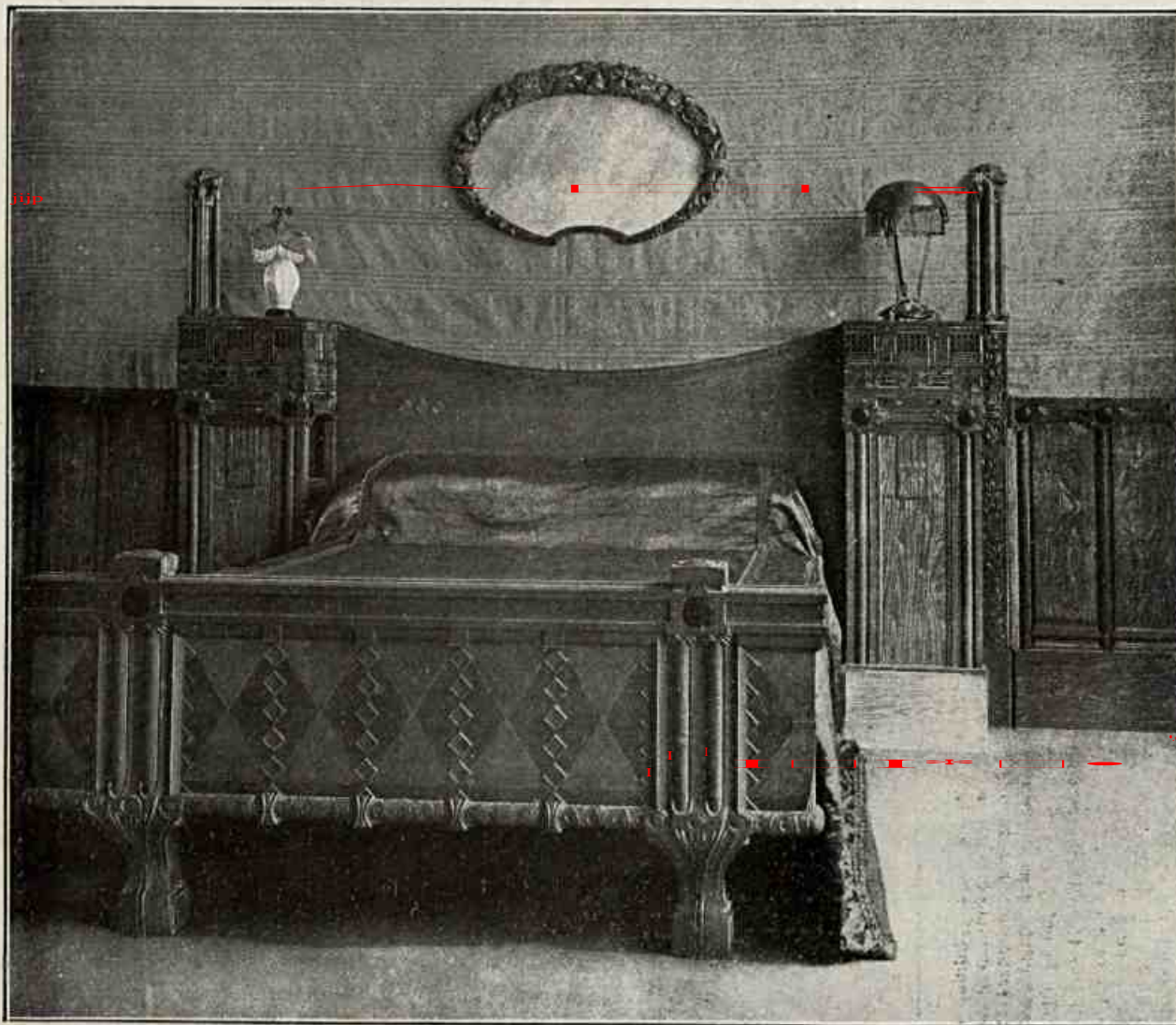
***

Até hoje a nobre donzella está ao serviço do senhor Milhão e não consta dos livros nem dos jornaes que ella o tenha desagradado uma só vez.

Agudos, 29-1-1914.

JOSÉ JULIO DE CARVALHO

A unica solução do problema politico e social seria o despotismo dos sabios e dos nobres, de uma aristocracia pura e verdadeira, obtida pela união dos homens de sentimentos mais generosos com as mulheres mais intelligentes e mais finas.

SCHOPENHAUER

A escrupulosa escolha
das madeiras, a perfeição da mão
de obra e o
irreprehensivel acabamento, são
os factores principaes
da GRANDE FAMA conseguida
pelos MOBILIARIOS e
TAPEÇARIAS do nosso fabrico.

Leandro Martins & C.

Ourives Ns. 39-41-43

Figuras e cousas de outras terras

Uma visita a Joffre é o titulo de original e brilhante chronica de Gomez Carrillo para *El Liberal*, de Madrid. O jornalista apresenta sob uma face nova o generalissimo dos alliados. «Como é possivel ter-se creado, pouco a pouco, — pergunta, — a lenda, hoje universal, de um Joffre taciturno, mysterioso e lugubre? Dia a dia, desde que começou a guerra, os seus biographos nos asseguram que nunca houve no mundo um homem mais silencioso.

«Os seus proprios ajudantes — dizem — nunca ouviram o metal da sua voz.

«E em seguida para lançar um véu novellesco em volta da figura muda, falam de um idyllio desfeito, de uma mulher morta, de um coração que sangra perennemente. E eu tambem repeti tudo isto como os outros. Mas, agora, que me encontro em presença do original da extranha imagem sombria, sinto desejo de me rir de mim proprio e dos meus inspiradores ao ver a boa, a franca e rustica estampa que tenho ante os olhos.»

E Gomez Carrillo accrescenta:

«Nesta estampa não ha nada de feroz senão as sobrancelhas brancas, que teriam bastado a Raffet para fazer um soberbo bigode ao mais arrogante dos seus granadeiros. O mais é fino e robusto ao mesmo tempo: finas e quasi femininas as mãos, de unhas de nacar, polidas meticulosamente; finos os olhos verdes, finos e maliciosos, com os seus reflexos de esmeralda suavisados por um fundo humido de infinita ternura; fino o perfil, apezar da gordura purpurea do rosto e da alva espessura dos bigodes. E as maneiras tambem são finas...»

Outros jornalistas, inglezes, norte-americanos, escandinavos, acompanhavam a Gomez Carrillo. Um delles, e esse muito conhecido, Jessen, travou dialogo com o generalissimo.

Carrilo aproveita o dialogo para melhor observar o entrevistado.

«Voltando-se para Jessen, Joffre permitte-me examinar a sua athletica compleição, e então admiro os seus hombros quadrados, o seu torso luctador, o seu pescoço de touro, tudo o que constitue finalmente, junto á delicadeza de seus modos, o contraste caracteristico da sua raça. Porque não ha duvida que o generalissimo dos alliados representa o typo perfeito do montanhez dos Pyrineus, capaz como os vencedores de Rolando de arremessar penhascos inteiros com os braços e capaz tambem de se inclinar galantemente perante uma dama... Contemplando-o, não é nos generaes que tenho tido occasião de vêr em quem penso; mas sim nos bons fidalgos do Conde de Faix, nos Ernauton Bouy d'Espagne, nos Guillonet de Solanges, nos Barbazan, nos Montang de Saint-Basile, em todos aquelles magnificos soldados, que, unindo a astucia ao arrojo, se entretinham, depois de um dia de batalha, em carregar feixes de lenha como uma montanha...»

De D. Francisco de Quevedo ?

Muita gente attribue a Quevedo o conto que segue :

«Uma aposta entre S. Miguel e o Diabo

Pois, meus senhores, uma vez brigaram S. Miguel e o Diabo. O Diabo dizia que todas as mulheres eram *impostoras, teimosas* e *mexeriqueiras* e dizia S. Miguel que poderia haver alguma que o não fosse. Para acabar com a teima em que estavam, fizeram uma aposta e sahiu logo S. Miguel a correr mundo, á procura de uma mulher que não fosse impostora nem teimosa nem mexeriqueira.

Cançou-se S. Miguel com tanto andar pelo mundo sem encontrar a mulher que procurava e, de estafado que se sentiu, estirou-se á sombra de uma frondosa moita de madresilva. Succedeu, porém, que do outro lado da moita estavam umas mulheres, as quaes olhando para S. Miguel, por entre os ramos do arbusto, começaram a dizer que estava *na chuva*, porque tinha a cara muito vermelha, principalmente o nariz, e que era um ladrão, pois estava vestido com as roupas que tinham visto em S. Miguel no altar das Almas.

Ora, entre as mulheres que murmuravam, havia uma velhinha que não dizia mal d'elle ; antes o fitava sorrindo com muita doçura.

N'essa mesma noite, quando a velhinha estava dormindo muito socegada na sua cama, chega São Miguel que a levanta subtilmente, lhe embrulha o corpo no lençol e lhe cobre as madeixas brancas com as suas azas de Archanjo e abalando com ella nos braços pelos ares, desceu até a porta do inferno e gritou : Satanaz ! Satanaz ! vem cá fóra. Trago, para a véres, a unica mulher que não tem imposturas, não é teimosa nem mexeriqueira...

Satanaz sahiu, alagado em suor, quasi suffocado com o calor que havia lá dentro, e desatou a gargalhar na cara de S. Miguel, troçando d'elle.

— Por que ris tanto ? perguntou o Archanjo.

— Perdeste a aposta, respondeu Satanaz ; ella é surda e muda de nascença».

PHRASES CITADAS

Os publicistas inglezes e allemães usam muito da phrase :

Macht geht vor Recht

que tambem vem frequentemente citada na forma franceza :

La force prime le droit

e quer dizer «a força sobreleva ao direito».

A quem pertence a paternidade desta phase? Todos a attribuem, e é justo reconhecer que com verosimilhança, a Bismarck. Mas o chanceller de ferro repelliu a sua paternidade, desmentindo-a. Talvez Bismarck não a houvesse proferido ; mas essa era a sua theoria, como é hoje a do seu successor Bethman Hollweg.

X.

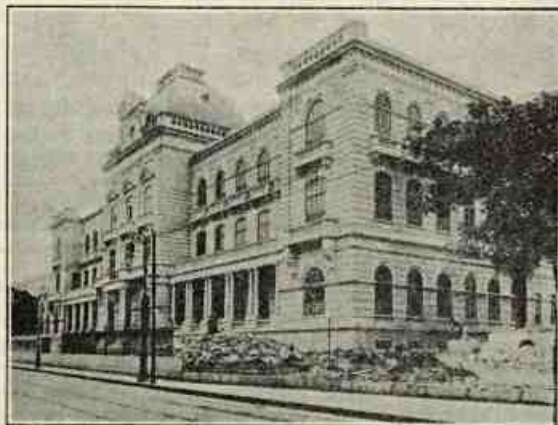
Calino viajava na estrada de ferro com um amigo. Este, que pretendia apreciar a paizagem, poz-se a dormir. Calino saccudiu-o pelo hombro :

— Accorde, se não você não vê nada. Você já dormiu muito emquanto o trem roda.

— E já andamos muito ?

— Já, respondeu Calino. Estamos a mais de duas leguas d'aqui.

Edificio do Instituto de Surdos-Mudos

RUA DAS LARANGEIRAS N.º 232

Este edificio foi construido em 1914 pelos abalisados constructores, Snrs.

POLEY & FERREIRA

com escriptorio á

53 -- Rua da Constituição -- 53

RIO DE JANEIRO

O ESPELHO DO AMOR

(Najib Sulaimâne El-Haddad)

Ella é esbelta. As rosas da mocidade ornaram-lhe as faces; seu corpo ondula como o ramo que o zephyro balança. Bella, pura como a flor de um jardim, só o orvalho e a brisa podem ter o orgulho de haver-lhe tocado o corpo. Clara, seus cabellos enquadram-lhe o rosto. Olhando-a tem-se a impressão de ver surgir a madrugada das trevas da noite. Filha unica, cresceu em casa de seus paes, na aldeia natal como as flores que brotam brilhantes entre as collinas. Só conheceu o campo, e as hervas que nelle nascem, as flores delicadas que ella colhe pela manhã. Só conheceu o sol: diz-lhe no occaso sempre um *adeus* cheio de ternura, e logo que elle desponta vae ao seu encontro banhando-se em sua luz. Só conheceu a lua e quando a olha imagina ver nella a sua imagem e a lua tambem nella julga ver-se retratada. A' tarde ella collocou-se á porta da tenda, tal como o sol no horizonte luminoso se immobilisa. E sobre ella o zephyro deslisa, brincando com os anneis da sua cabelleira, que fluctua como um estandarte desdobrado.

Ora, de repente ouve-se o ruido das patas de um cavallo e logo este apparece montado por um mancebo que se conserva firme sobre a sella; seu talhe esbelto não inveja a haste de uma lança; seus olhos grandes assemelham-se a laminas de espada no brilho; traz o grande sabre de combates desembainhado e seu olhar é mais cortante, mais terrivel do que essa espada ameaçadora; sobre suas vestes rutilam joias; assemelha-se a lua quando surge em meio de astros radiantes.

Chegou-se e fez-lhe uma saudação. Sorriu-se cheio de graça e approximando-se mais pediu de beber pois estava morto de séde.

Ella entrou na tenda voltando pouco depois com um vaso cheio, e curvou-se, olhando, em extase, o rosto delle, com o olhar das gazellas do deserto.

Olhou-o, extasiada e elle bebeu, sorrindo, até que a séde fosse saciada; mas seus olhos não se saciaram de contemplal-a. Bebeu a pequenos goles e ella a pequenos goles absorveu o vinho da belleza delle. E nesse vinho ardeu o coração da moça.

O mancebo bebeu emquanto teve séde; depois restituiu o vaso, cheio já não de agua mas de agradecimentos.

Despediu-se e partiu tendo introduzido no coração da donzella em troca da frescura da bebida que ella lhe dera, o calor da paixão.

Assim entrou o amor em um coração virginal. E logo que ella conheceu o amor o amor assenhoreou-se della. Ella passou noites nas trevas do desespero. Trevas tão espessas que nellas a esperança não deveria brilhar. O somno approximava-se de suas palpebras mas ahi chegado uma sombra o repellia, a sombra daquelle que de seu coração se apossara.

E assim foi até a hora em que a noite tendo se dissipado o sol brilhou no horizonte; então chegou um mensageiro de parte do amado do seu coração com um presente que se faz ás senhoras da belleza: um espelho portatil enquadrado em um fio de prata que mais brilhante o torna ainda.

O mensageiro approximou-se e disse-lhe: «Um presente de meu senhor para minha senhora». Depois saudou e partiu. Era a paga do vaso d'agua fresca, e prouvera a Deus que nem esse vaso nem esse espelho houvesse existido. Porque o amor roubara já o coração da moça, um amor e uma paixão pelo bello mancebo que tude ignorava. As suas lagrimas, do coração partidas chegavam-lhe aos olhos, na sua ardente séde delle... e elle nada sabia do que se passava. Quando o arco lança a flecha destinada ao crime, não é justo criminar a flecha pois que ella não sabe o que faz.

A donzella apaixonada admirou o espelho e olhando-o, ao lado da propria imagem viu, encantadora miragem, a imagem do seu amado.

E por motivo dessa miragem nella augmentaram a languidez e a chamma do amor. E ella não cessou de arder nessa paixão, de mais em mais, fundindo o seu corpo até de tão delgado assemelhar-se a um fantasma, mais leve do que o ar. Cahiu de cama, queixando-se do mal visivel mas occultando o invisivel.

Todos os seus se espantaram; não conheciam o mal de que ella morria nem o remedio para elle. E pae e a mãe começaram a lamentar-se, angustiados, tomados de intensa dor. E de que serviu a angustia e a dor?

A filha, occultando-lhes a origem do seu mal, disse-lhes: «Eu de nada sei; é o destino».

E assim foi até a hora da morte quando esta sobre ella extendendo as negras azas começou a disputal-a á vida. A agonia então começou a arrancar-lhe do peito a alma e a seiva da sua mocidade lutava para repellir a agonia. Seus paes estavam a seu lado, impotentes, não tendo mais a fazer que chorar; o sol desapparecia, despedindo-se della como de costume; mas desta vez ella não lhe disse como habitualmente: «Até á vista».

Ouviu então o ruido dos cascos de um cavallo sobre a reia; era o seu amado que chegava. Appareceu, mas a esperança já desapparecera. Elle quiz reanimal-a mas o momento de a reanimar já passara.

Approximou-se della, ignorante ainda da ferida que o gladio dos seus olhares lhe havia feito no coração. Inclinou-se pesaroso perguntando: «Como foi que a flecha da morte a attingiu?»

Olhou-o ella, entrando ternamente, as rosas do pudor aureolando-lhe a livida fronte; suspirou e disse:

— E' verdade que tenho dentro em mim uma flecha que me feriu o coração, uma flecha partida dos olhos de um mancebo. E' esse o mal de que morro. Morro sim desse amor que a tantas já fez succumbir antes de mim!...

E elle interrogou:

— Quem é esse mancebo?

Então ella tomando a mão que as garras da morte enlivideciam, o espelho que elle lhe enviara, disse-lhe olhando-o com ternura, pela derradeira vez:

— Quando chegar a hora em que o sol paire bem alto no horizonte e a minha alma já não fôr deste mundo, olha bem para este espelho e conhecerás então aquelle por cujo amor me matou

*

NAGIB SULAIMÂNE EL-HADDAD, nasceu em Beirouth (Syria) a 25 de Fevereiro de 1867, foi educado no Collegio Patriarchal, foi em Alexandria (Egypto) redactor do jornal *Al-Ahrâm*. Morreu em 1899 com a idade de 32 annos. Excellente poeta, *conteur* afamado, autor dramatico e romancista. Verteu para o arabe os primores da literatura européa, como o *Cid*, *Romeu e Julieta*, *Hermani*, *Salandirto* (W. Scott), *O avaro*, *Phedra*, *Œdipo* (Sophocles) etc. Deixou uns dez romances. Sua obra mais celebre é o *Divan* em que ha thezouros de lyrismo.

DE BOA FÉ

Contam que o nosso pranteado critico Sylvio Romero emprestou uma vez a um visinho que se dizia dado a leituras philosophicas um volume de Platão. Quando o visinho lhe foi devolver o livro, Sylvio recebendo-o, disse:

— Já sei que o amigo gostou, não? Que ideia ficou fazendo da philosophia do grande mestre grego?

— Fiquei fazendo uma ideia magnifica.

— Bravo!

— Tive a satisfação de ver que em certas cousas as suas ideias concordam com as minhas.

Alexandre costumava dizer dos seus amigos Cratero e Hephestião que Hephestião era amigo de Alexandre e Cratero do rei.

Aquelles que amámos e que perdemos, já não estão onde estavam, mas estão sempre onde estamos.

ALEXANDRE DUMAS

CRITICA THEATRAL

— Explendida a sua peça.

— Obrigado.

— Póde orgulhar-se de a ter escripto. Tem scenas que o proprio Shakespeare seria incapaz de escrever.

— Mas o sr. exaggera !...

— Não exaggero, é a verdade ; eu cito : aquelle desastre por choque de locomotivas na serra da Mantiqueira, por exemplo.

ESPINGARDA

DE CAÇA

"STANDARD"

PRECISÃO ABSOLUTA
DESCARGA INFALLIVEL
PARA TODAS AS CAÇAS

FABRICAÇÃO FRANCEZA S^T. ETIENNE

5$000

SEMANAES

CLUBS CASA STANDARD